

A EDUCAÇÃO BÁSICA E O ESTUDO DO PRÊMIO EDUCAR PARA A IGUALDADE RACIAL

Perspectivas e desafios da cidade de São Paulo





A EDUCAÇÃO BÁSICA E O ESTUDO DO PRÊMIO EDUCAR PARA A IGUALDADE RACIAL

Perspectivas e desafios da cidade de São Paulo

Maria Aparecida Silva Bento

Organizadora

São Paulo, 2014

Prefeito de São Paulo: Fernando Haddad

Secretário de Promoção da Igualdade Racial: Antonio da Silva Pinto

Responsável pelo Projeto: Marilândia Frazão

REALIZAÇÃO

CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades

SMPIR – Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA PUBLICAÇÃO

Coordenação Geral

Maria Aparecida Silva Bento

Coordenação Editorial

Shirley dos Santos

Myriam Chinalli

Angela Barbosa Cardoso Loureiro de Mello

Preparação dos Textos

Juliana Gonçalves dos Santos

Organização e Preparação dos Textos Finais

Maria Aparecida Silva Bento

Revisão de Texto

Carolina Santos Cruz

Projeto de Capa e Miolo e Editoração

Andrea Medeiros da Silva

Pesquisadores

Adriana Barbosa

Angela Barbosa Cardoso Loureiro de Mello

Eliana Frazão Espinosa

Eloá Kátia Coelho

Jennifer Augusto da Silva Cornélio

Juliana Gonçalves dos Santos

Lucymara Cordeiro Bernardes Machado

Márcio José da Silva

Myriam Chinalli

Renata Cristina Dias de Oliveira

Shirley dos Santos

Tássia do Nascimento

Thaís do Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Educação básica e o estudo do Prêmio Educar para a igualdade racial : perspectivas e desafios da cidade de São Paulo / Maria Aparecida Silva Bento, organizadora. — São Paulo : Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2014.

Bibliografia.

ISBN 978-85-64702-06-6

1. Educação básica 2. Igualdade racial – Promoção 3. Prática de ensino 4. Prêmio Educar para a Igualdade Racial – São Paulo (SP) I. Bento, Maria Aparecida Silva.

14-11594

CDD-370.1198161

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação básica : Estudo do Prêmio Educar :
São Paulo : Educação 370.1198161

Programas municipais voltados à igualdade racial

Em 2013, a alteração na lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) promovida pela lei 10.639/2003, que instituiu diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana, completou dez anos. Essa alteração é uma das principais ações afirmativas em curso no país. E resultou da luta histórica dos movimentos sociais por igualdade e justiça social, expressando o reconhecimento do Estado brasileiro, que reafirmou seu compromisso com a política mundial de combate ao racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata -- assumido na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, ocorrida na cidade de Durban, África do Sul, em 2001.

De lá para cá, outras políticas afirmativas foram instituídas, merecendo destaque a criação, em São Paulo, em 2013, da Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial (SMPIR), órgão da prefeitura da cidade de São Paulo, responsável pela articulação, promoção e acompanhamento dos programas municipais voltados à igualdade racial.

É nesse contexto que se coloca esta publicação elaborada pelo CEERT, referente ao estudo de boas práticas pedagógicas e de gestão realizadas na cidade de São Paulo, no âmbito do prêmio Educar para a Igualdade Racial.

Em linhas gerais, o caráter afirmativo do prêmio Educar para a Igualdade Racial está em consonância com a atual política de educação do município e com a atual política da SMPiR. Possui ações, concepções, produtos e vivências que podem subsidiar o programa Mais Educação São Paulo, ajudando a gestão pública a interpretar e operacionalizar as normas e diretrizes para educação das relações étnico-raciais oferecendo acesso às publicações, vídeos e ao acervo de práticas pedagógicas e de gestão acumuladas ao longo de seis edições do Educar para a Igualdade Racial.

Por fim, cabe salientar que esta publicação é mais uma ação contemplada pelo “Plano Estratégico para implementação das Leis 10.639 e 11.645 em São Paulo”, elaborado pelo Grupo de Trabalho Intersecretarial sobre Educação das Relações Étnico-raciais, coordenado pela SMPiR -- Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial, e composto pelas secretarias municipais de Educação (SME); de Esportes, Lazer e Recreação (SEME), de Cultura (SMC) e de Governo (SGM).

Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial – SMPiR

Antônio Pinto

Secretário



Crédito das imagens

Capa – Título da Prática: **Origens e Destinos Diante da Diversidade**

Ação Uh-Batuk-Erê

Escola: **EMEF Esmeralda Salles**

Professora: Rose Mary Postilhone de Oliveira

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 6 – Título da Prática: **Um Pouco de Nós, Um Pouco da África**

Escola: **E. E. Bibliotecária Maria Luísa Monteiro da Cunha**

Professora: Lurdes Ribeiro

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 10 – Título da Prática: **Primeiro Encontro Afro Cultural de Integração**

Escola: **E.E. Vicente Casale Padovani**

Professora: Lucía Helena

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 16 – Título da Prática: **Origens e Destinos Diante da Diversidade:**

Ação Uh-Batuk-Erê

Escola: **EMEF Esmeralda Salles**

Professora: Rose Mary Postilhone de Oliveira

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 20 – Título da Prática: **Cultura Afro Brasileira e Africana**

Escola: **EMEF Dona Luíza Seno de Oliveira**

Professora: Lucía Helena Costa

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 24 – Título da Prática: **Um Pouco de Nós um Pouco da África**

Escola: **E.E Bibliotecária Maria Luísa Monteiro Da Cunha**

Professora: Lurdes Ribeiro

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 29 – Título da Prática: **Um Pouco de Nós um Pouco da África**

Escola: **E. E Bibliotecária Maria Luísa Monteiro da Cunha**

Professora: Lurdes Ribeiro

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 33 – Título da Prática: **Cultura Afro Brasileira e Africana**

Escola: **EMEF Dona Luíza Seno de Oliveira**

Professora: Lucía Helena Costa

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 36 – Título da Prática: **Origens e Destinos Diante da Diversidade**

Ação Uh-Batuk-Erê

Escola: **EMEF Esmeralda Salles Pereira Ramos**

Professora: Rose Mary Postilhone de Oliveira

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 37 – Título da Prática: **Primeiro Encontro Afro Cultural de Integração**

Escola: **E. E Vicente Casale Padovani**

Professora: Regina Corochel

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 41 – Título da Prática: **Primeiro Encontro Afro Cultural de Integração**

Escola: **E. E Vicente Casale Padovani**

Professora: Regina Corochel

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 45 – Título da Prática: **Iségun**

Escola: **EMEF Prof. Dr. Domingos Angerami**

Professora: Fulvia Giuntini

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 49 – Título da Prática: **Projeto Afro-brasileiro**

Escola: **E. E. Professora Amalia Garcia Ribeiro Patto**

Professora: Deise Renata Gonzalez Agnani

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 56 – Título da Prática: **Primeiro Encontro Afro-Cultural de Integração**

Escola: **E. E. Vicente Casale Padovani**

Professora: Regina Corochel

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 59 – Título da Prática: **A História da Humanidade Começa Aqui**

Escola: **E. E. Prof. Antonio Bernardes de Oliveira**

Professora: Deni Ribeiro Prado

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 60 – Título da Prática: **Um Pouco de Nós, Um Pouco da África**

Escola: **E. E. Bibliotecária Maria Luíza Seno de Oliveira**

Professora: Lurdes Ribeiro

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 64 – Título da Prática: **Origens e Destinos Diante da Diversidade**

Ação Uh-Batuk-Erê

Escola: **EMEF Esmeralda Salles Pereira Ramos**

Professora: Rose Mary Postilhone de Oliveira

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 65 – Título da Prática: **Brasiláfrica**

Escola: **E. E. Jardim Moraes Prado I**

Professora: Mighian Danae Ferreira Nunes

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 69 – Título da Prática: **Os Príncipes do Destino**

Escola: **EMEF Cassiano Ricardo**

Professora: Sidneia Basile de Almeida

Cidade/UF: São Paulo/SP

P. 72 – Título da Prática: **Origens e Destinos Diante da Diversidade:**


Ação Uh-Batuk-Erê

Escola: **EMEF Esmeralda Salles**

Professora: Rose Mary Postilhone de Oliveira

Cidade/UF: São Paulo/SP





*Nossas vidas começam a terminar no dia em que permanecemos em
silêncio sobre as coisas que importam.*

Martin Luther King

Sumário

Apresentação: Análise de práticas pedagógicas que promovem a igualdade étnico-racial na cidade de São Paulo 11

Introdução: A educação para a igualdade racial em São Paulo 13

Categoria Professor 17

PRÁTICA FINALISTA Projeto: Arte e cultura afro-brasileira 20

PRÁTICA FINALISTA Africanidade: A beleza de todos nós 24

PRÁTICA PREMIADA Resgate da riqueza cultural da África a partir do desenho animado “Kiriku e a feiticeira” 29

PRÁTICA PREMIADA Projeto: Raiz 33

PRÁTICA FINALISTA Resgate da riqueza cultural da África a partir de sua tradição oral 37

PRÁTICA FINALISTA Conexões com a cultura negra:
Conexão com a África e conexão direta ao coração do Brasil 41

PRÁTICA FINALISTA África: A história da humanidade começa aqui 45

PRÁTICA FINALISTA Projeto: Afro-brasileiro 49

Categoria Escola 53

PRÁTICA
FINALISTA Primeiro encontro afro-cultural de integração 56

PRÁTICA
PREMIADA Um pouco de nós, um pouco da África 60

PRÁTICA
PREMIADA Brasiláfrica 65

PRÁTICA
PREMIADA Os príncipes do destino 69

PRÁTICA
FINALISTA Origens e destinos diante da diversidade:
Ação Uh-Batuk-Erê 72

Considerações finais 74

Referências bibliográficas 79



Apresentação

Análise de práticas pedagógicas que promovem a igualdade étnico-racial na cidade de São Paulo

Esta publicação tenciona, a partir de relatos de professoras/es e gestoras/es da cidade de São Paulo, contribuir para a análise da institucionalização da lei 10.639/2003, que modificou o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), visando incluir no currículo oficial da educação básica a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana.

O universo do estudo foi o acervo das seis edições do prêmio Educar para a Igualdade Racial, da cidade de São Paulo. A iniciativa contou com o apoio da SMPiR – Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial.

Um grupo de especialistas em educação – pesquisadores, mestres e doutores – constituiu no CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades um coletivo que desenvolveu este trabalho.

Dentre os objetivos desta publicação, encontra-se o de oferecer uma contribuição aos programas da Secretaria da Educação, a exemplo do Mais Educação São Paulo, ajudando a gestão pública a interpretar e operacionalizar as normas e diretrizes para a educação das relações étnico-raciais.

Apresentação

Cabe aqui ressaltar que a SMPiR vem demonstrando seu compromisso com a área da educação. A construção do “Plano Estratégico para Implementação das Leis 10.639 e 11.645 em São Paulo”, que contemplou, dentre outras importantes iniciativas, a publicação deste estudo, foi um exemplo desse compromisso. Ressalte-se, ainda, que no início de 2014, a SMPiR lançou dois volumes de história geral da África, destinados aos professores da cidade de São Paulo. Trata-se da versão condensada de oito volumes produzidos pela Unesco, em parceria com o MEC.

Por fim, vale salientar que, neste estudo, o profissional de educação poderá entrar em contato com as principais metodologias utilizadas por professoras/es e gestoras/es que desenvolveram práticas de promoção da igualdade racial, os conteúdos mais frequentes destacados por elas/es, os aprendizados, as dificuldades e as motivações que as/os mobilizaram.

Essas experiências foram extraídas de um total de 2.300 práticas pedagógicas e de gestão, que fazem parte do acervo do prêmio Educar para a Igualdade Racial, construído no decorrer de suas seis edições. O estudo destacou, ainda, um breve resumo de dez práticas realizadas na cidade de São Paulo.

Esta iniciativa pretende colaborar com as instituições de educação básica, buscando estimular ações e inspirar a construção de práticas pedagógicas e de gestão que promovam a igualdade étnico-racial.

Boa leitura!

Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT

Maria Aparecida Silva Bento
Coordenadora



Introdução

**A educação para a igualdade racial
em São Paulo**



Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.

Paulo Freire

A maior metrópole em extensão territorial da América Latina e a cidade economicamente mais rica do Brasil, com PIB de mais de 440 bilhões de reais e mais de 11 milhões de habitantes que representam 57% da população da Região Metropolitana e 27% da população do Estado¹. Os números de São Paulo impressionam.

Além de seu gigantismo, chamam a atenção os contrastes que marcam a cidade. Em São Paulo, a extrema pobreza e a riqueza podem ser separadas pela distância de alguns poucos bairros.

Entre a área periférica e a central existem muitas “São Paulos”, marcadas por intensas diferenças econômicas e sociais, que compõem um cenário de extrema desigualdade.

A área educacional não foge à regra, e, partindo do centro rumo às periferias, as condições escolares vão tomando contornos cada vez mais precários e com infraestrutura insuficiente para alcançar

¹ Dados do IBGE/Seade, 2010.

uma educação democrática de qualidade. Vale ressaltar aqui que, quanto mais periférica, mais negra a escola se torna, com base na raça-cor de seus alunos².

Só a rede municipal de ensino da cidade conta com 936.432 alunos, segundo a Secretaria Municipal de Educação. No entanto, ao se contabilizar em São Paulo como um todo alunos da educação básica – composta também pelas redes estadual e federal –, surge o impressionante número de 2,8 milhões de pessoas matriculadas na educação básica³.

Essa magnitude de São Paulo está refletida nos números que correspondem à cidade no prêmio Educar para a Igualdade Racial.

Este estudo tem como objetivo elaborar o mapeamento e a análise de uma das instâncias da educação básica na cidade de São Paulo, a partir das práticas “cases”⁴ das seis edições do prêmio Educar para a Igualdade Racial, realizado pelo CEERT – Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades e parceiros.

Ao longo de 12 anos de existência, desde 2002, o prêmio Educar para a Igualdade Racial acumulou em torno de 2.300 práticas pedagógicas e de gestão escolar oriundas de todo o País. Destas, 703 são práticas inscritas da cidade de São Paulo, representando cerca de 30,56% do acervo.

Vale ressaltar que São Paulo foi palco de acontecimentos políticos que influenciaram organismos públicos municipais a dar maior

2 Os alunos negros do ensino médio podem ser considerados verdadeiros sobreviventes da violência urbana. Os homicídios são, hoje, a principal causa de morte de jovens de 15 a 24 anos no Brasil e atingem, especialmente, jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do SIM/DATASUS, do Ministério da Saúde, mostram que mais da metade dos 52.198 mortos por homicídios em 2011 no Brasil eram jovens (27.471, equivalente a 52,63%), dos quais 71,44% negros (pretos e pardos) e 93,03% do sexo masculino. Segundo o *Mapa da Violência 2013*, a capital com os menores índices de violência contra sua juventude, São Paulo -- com sua taxa de 20,1 homicídios por 100 mil jovens –, ainda está bem acima dos níveis considerados epidêmicos: 100 homicídios.

3 Censo Escolar 2010.

4 Neste documento, consideramos cases as práticas pedagógicas e de gestão, finalistas e premiadas nas seis edições do prêmio Educar para a Igualdade Racial.

atenção à temática racial, na área da educação. Com avanços alcançados graças à luta do Movimento Negro, a história da cidade nesta seara é muito rica⁵. Assim, o estudo que estamos apresentando constitui-se na focalização de apenas um, dentre tantos desdobramentos da forte presença do Movimento Negro na cidade.

O objeto deste estudo são 27 práticas do Prêmio – 13 da categoria Professor e 14 da categoria Escola –, sendo 14 delas práticas premiadas.



5 Publicação *Contextualizando as relações raciais na educação* – Cidade de São Paulo, lançada em novembro de 2007 pelo CEERT.

Categoria Professor



Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante.

Paulo Freire

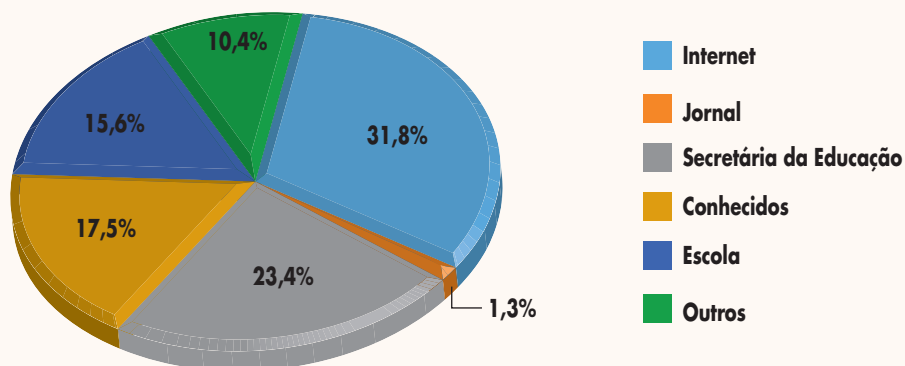
A categoria Professor existe desde a primeira edição do prêmio Educar para a Igualdade Racial. Objetiva:

- Identificar boas práticas pedagógicas desenvolvidas por um/a professor/a ou por um grupo de professores/as.
- Visibilizar, incentivar, subsidiar e valorizar professores/as.
- Difundir e ampliar as práticas educacionais.

Ao contabilizar os resultados de São Paulo na categoria Professor, notou-se que eles convergiram com os resultados apresentados no estudo do Prêmio em âmbito nacional.

Quando os aspectos da divulgação foram analisados, percebeu-se que a Internet foi responsável por 31,8% da divulgação, seguida pelo trabalho realizado pelas Secretarias de Educação, 23,4%. Este dado revelou a relevância do envolvimento das Secretarias de Educação para a amplitude do Prêmio e sinalizou a importância de a premiação estar cada vez mais em sintonia com as ações das Secretarias nos Estados e Municípios e com o MEC (Ministério da Educação).

✓ Veículos de Divulgação



→ A divulgação do prêmio Educar para a Igualdade Racial na cidade de São Paulo se efetivou principalmente por meio da internet (31,8%) e das Secretarias de Educação (23,4%).

Há que se considerar aqui que a Região Sudeste recebe tradicionalmente mais inscrições do que as outras regiões, e que estes números são alavancados pelo Estado e pelo cidade de São Paulo.

Assim como no estudo nacional realizado em 2013 pelo CEERT⁶, em São Paulo os trabalhos também foram concentrados na educação infantil e no ensino fundamental I.

Tradicionalmente, a educação infantil e o ensino fundamental I são níveis de ensino em que o/a professor/a tem mais flexibilidade e autonomia na condução do processo educacional. Dados do estudo nacional, por exemplo, revelam que “o engajamento excessivo em programações oficiais” foi assinalado como uma das principais ações a ser evitada para se trabalhar a questão racial (30%). Ou seja, com o passar dos anos e conforme o ensino médio⁷ vai se aproximando, o currículo torna-se cada vez mais engessado.

⁶ O CEERT realizou um estudo nacional sobre a aplicação da lei 10.639/2003, com base no acervo do prêmio Educar para a Igualdade Racial, que reúne mais de 2.300 práticas pedagógicas e de gestão.

⁷ Considera-se, também, que o número de estabelecimentos de ensino médio é quase três vezes menor do que o de escolas de educação infantil e ensino fundamental.

PRÁTICA

FINALISTA

PROJETO: ARTE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

EMEF Antônio Carlos de Andrada e Silva



Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino fundamental I

Professoras envolvidas

Kelly Cristina Gomes de Castro

Maria de Fátima Souza Andrade

Maria Inês Irineu

Objetivos

Construir relações mais harmonizadoras, pautadas pelo respeito, pela ética e pelo repúdio a toda e qualquer forma de desqualificação do outro, de discriminação e de preconceito. Construir autoestima e identidade negras positivas e conhecer a ancestralidade africana e brasileira, valorizando-a e divulgando-a.

Metodologia

“Pedagogia da sedução”: alunos/as foram convidados a conhecer alguns aspectos da cultura afro-descendente.

Metodologia dialógica: foram trabalhados os aspectos relacionais do grupo, em suas dimensões cognitivas, afetivas, éticas e estéticas.

Atividades desenvolvidas

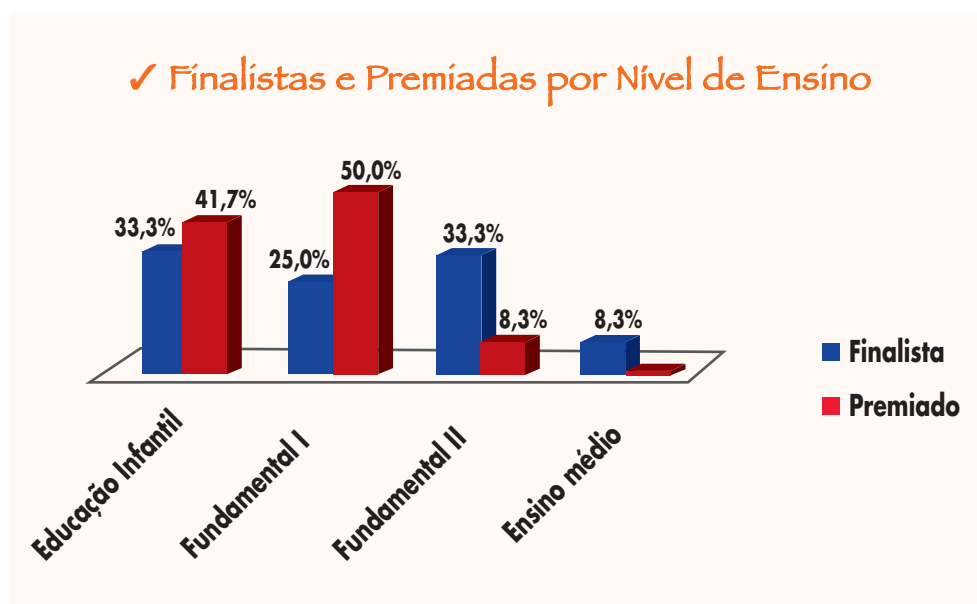
- Releituras das obras de Caribé.
- Estudos das mitologias africanas por meio dos livros de Pierre Verger.
- Realização de encontro de escritores afro-descendentes.
- Visita às exposições: “Brasil 500 anos” e “Amostra de arte africana”.
- Realização da Semana de Arte e Cultura Negra.
- Realização de oficinas.
- Recepção de convidados de diversas áreas de conhecimento para reflexão com os alunos.
- Divulgação da experiência em outras escolas e centros culturais.

Resultados alcançados

- Visitas de pessoas de outras escolas para conhecer o trabalho e implementar projetos semelhantes.
- Em 1999, o trabalho serviu de referência para um grupo de supervisores da DREM 10 (NEN 10), que sugeriu um trabalho de reflexão étnico-racial contra a discriminação, envolvendo as escolas da região.
- O trabalho foi apresentado para os diretores e coordenadores pedagógicos e foram patrocinadas oficinas artísticas e de debates, voltadas para alunos, suas famílias e comunidade em geral.
- Retorno de um grupo de alunos, que esteve fora da escola.
- Criação, pelos alunos participantes do projeto, de grupo de dança e percussão.
- As oficinas estimularam os alunos a aprofundar seus conhecimentos e desenvolver atividades remuneradas.

Assim, a queda apresentada entre o número de práticas do ensino fundamental II e do ensino médio pode também revelar a falta de penetração da lei 10.639/2003 nestes níveis de ensino, causada pela dificuldade de apresentar conteúdos que historicamente foram excluídos das demandas dos vestibulares.

Recentemente, a prova de história do ENEM⁸ 2013 ganhou destaque midiático ao incluir, entre suas 17 questões, quatro sobre temas da cultura afro-brasileira e africana, o que sinalizou um princípio de mudança.



→ Refletindo a autonomia na condução do ensino a respeito da temática por parte das/os professoras/es, os finalistas e premiadas/os se concentraram principalmente no ensino fundamental I e na educação infantil.

Com relação à distribuição das práticas por sexo, o histórico protagonismo feminino na educação refletiu-se no número de práticas encaminhadas pelas professoras⁹. Ao analisar somente a cidade de São Paulo, surgiu um percentual muito maior de mulheres (96%) do que apareceu no balanço nacional da categoria Professor (83%). Outro ponto que deve ser considerado disse respeito à concentração

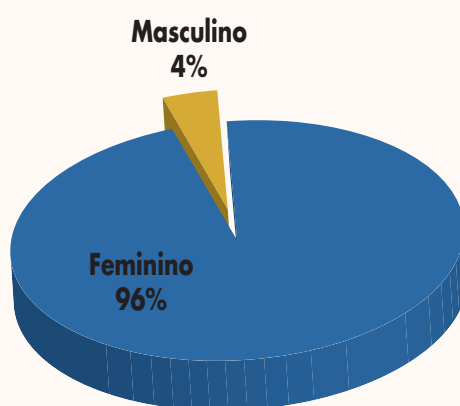
⁸ Exame Nacional do Ensino Médio.

⁹ De acordo com dados da "Sinopse do professor da educação básica", divulgada pelo MEC (Ministério da Educação) no final de 2010, existem quase 2 milhões de professores, dos quais mais de 1,6 milhão são do sexo feminino.

das práticas nos anos iniciais escolares, entre a educação infantil e o ensino fundamental I, período no qual a presença masculina é reduzida. No Brasil, entre o ensino na faixa de 0 a 6 anos, os homens compõem apenas 2,9% de presença na docência. Nos anos iniciais do ensino fundamental, eles representam 9,6% do total; nos anos finais são 28% e no ensino médio somam 37,65%¹⁰.

Na cidade de São Paulo, segundo dados de 2010, há 3.077 funcionários do sexo masculino atuando na educação infantil municipal. Nos últimos anos, o município obteve um aumento de 30% de homens na rede, desenvolvendo atividades com bebês e crianças de até 6 anos matriculados nos Centros de Educação Infantil (CEIs) e Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs). Apesar do crescimento, a rede municipal de ensino ainda é dominada por mulheres. O total de funcionárias soma 33.125 na rede¹¹.

✓ Distribuição das Práticas por Sexo



→ Espelhando a composição de funcionários da educação, entre as práticas premiadas da cidade de São Paulo, 96% foram desenvolvidas por professoras.

¹⁰ Censo Escolar 2011.

¹¹ Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,creche-tem-mais-professores-homens,511385,0.htm>. Acessado em: 18/05/2014.

PRÁTICA
FINALISTA

AFRICANIDADE: A BELEZA DE TODOS NÓS

EMEF Professor Mário Schenberg



Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino Fundamental II

Professores envolvidos

Cristiano Rogério Alcântara

Irene Izilda da Silva

Maura Aparecida Cassiano

“Africanidade: a semente que germina a beleza de ser negro.”

Objetivos

- Promover o resgate dos valores culturais dos alunos, incentivando o debate sobre as questões raciais e econômicas.
- Estimular a reflexão sobre o respeito ao próximo e sobre a força da união de um grupo em que a auto-estima esteja presente.

Metodologia

- Observação da realidade dos alunos para buscar atingir suas necessidades e desejos pessoais e grupais.
- Conversas a respeito dos assuntos escolhidos.
- Realização de pesquisas orientadas para os objetivos do grupo.

Atividades desenvolvidas

- 1999: Show de talentos, coral, grupos de dança, atividades dentro e fora da escola.
- 2000: Educação para a paz, entrevista com a cantora Lecy Brandão, trabalho com a cultura hip-hop (Racionais Mc's), capoeira.
- 2001: Trabalho com vídeos e textos sobre a temática racial, resultando em produções de diversas linguagens artísticas.
- 2002: Debates sobre a presença do negro na moda, biografias e músicas de Clementina de Jesus e Jovelina Pérola Negra.

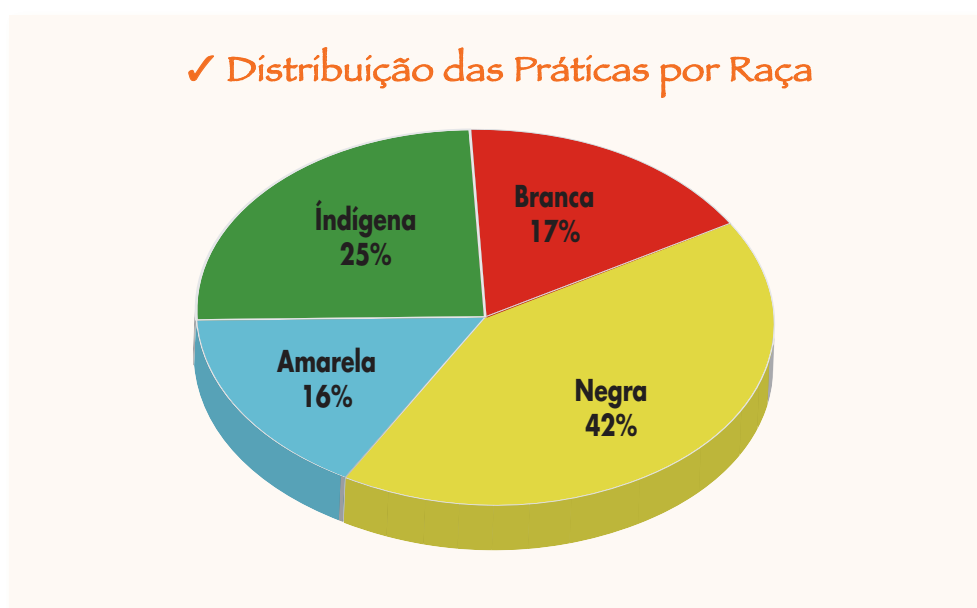
Resultados alcançados

Melhora da autoestima dos alunos; diminuição de ocorrência de situações discriminatórias; maior tolerância em relação às preferências do outro; percepção da própria capacidade criativa e maior uso dessa capacidade em sala de aula.

A distribuição raça-cor na cidade de São Paulo expõe aspectos reveladores da diversidade e da dinâmica da cidade. A população da cidade é constituída por 60,6% de pessoas brancas, 37,1% negras, 2,2% amarelas e 0,1% indígenas (IBGE, 2010). Destaque para o protagonismo negro crescente nas práticas (42%) como fruto de maior conscientização do negro no País, graças às lutas dos movimentos sociais, em particular do Movimento Negro que trava discussões no campo da educação desde a década de 30¹².

Os/as negros/as, inseridos nos sistemas educativos, estão cada vez mais conscientes de que não só podem como devem levar a pauta da equidade racial para dentro da sala de aula.

Chamou a atenção, também, o quantitativo referente à participação indígena – 25% – número maior do que a participação branca, que somou apenas 17%.



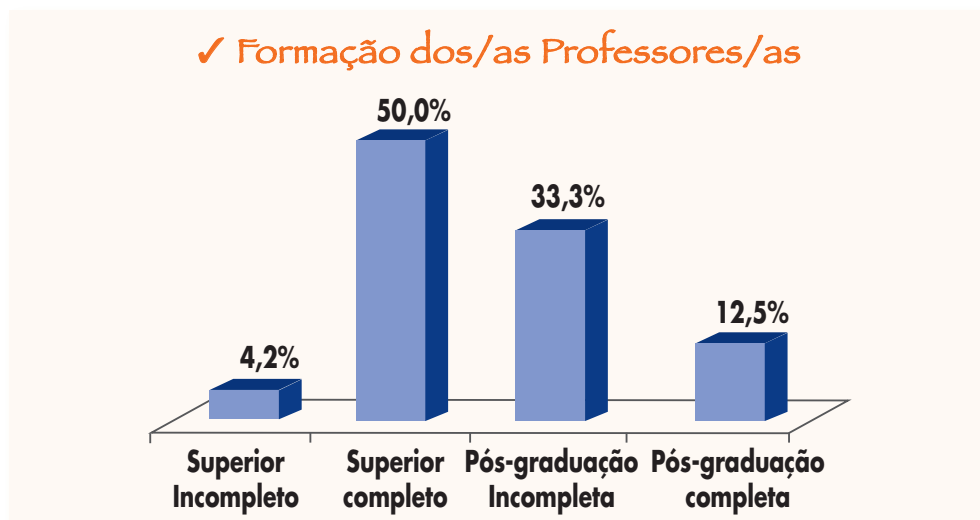
→ Dentre as boas práticas da cidade de São Paulo, 42% foram desenvolvidas por professoras negras e 25% por indígenas, confirmando o protagonismo dessas etnias em trabalhos sobre a diversidade racial brasileira.

12 Em 1931, a Frente Negra Brasileira mobilizou na cidade de São Paulo cerca de 1.000.000 de militantes negros em protestos que denunciavam a condição social dos negros e a falta de escolarização das crianças e adultos. Ou seja, a pauta da educação (exclusão e abandono) é questão estruturante do Movimento Negro desde sua origem, o que fez o Movimento Negro Unificado, criado em 1978, colocar a educação como prioridade na luta.

A cidade de São Paulo tem a quarta maior população indígena do Brasil: há 13.000 mil deles morando na cidade. Ao contabilizar apenas a população indígena urbana, o município saltou para o primeiro lugar com 11.900 pessoas vivendo longe das aldeias¹³. A carência existente pela distância da aldeia e a exclusão cultural, à qual estão submetidos, poderia incentivar professores/as na realização de práticas que ressignifiquem os vínculos existentes e fortaleça a identidade indígena. No entanto, do total de práticas nacionais finalistas e premiadas ao longo das seis edições do prêmio Educar, apenas 10 trouxeram a temática indígena como tema principal. Dentre elas não houve práticas oriundas da cidade de São Paulo.

O baixo índice de professores/as da raça/cor branca trabalhando a LDB alterada pela lei 10.639/2003 refletiu uma resistência aos assuntos raciais na cidade, há anos notada dentro do campo da educação. Os números de São Paulo foram menores do que a média nacional, que apontou que 23% das práticas na categoria Professor foram protagonizadas por pessoas brancas.

Quanto à formação de professores/as percebeu-se que:



→ Na cidade de São Paulo, destacaram-se as práticas desenvolvidas por professoras/es com curso superior completo, pós-graduação incompleta e pós-graduação completa.

13 Dados IBGE/2010. No Brasil, as cidades abrigam 315.180 dos 817.963 indígenas brasileiros.

Olhar para o nível de formação dos/as docentes é algo primordial para entender a qualidade do ensino. Nos últimos anos, houve aumento na proporção de docentes com nível superior em todas as modalidades de ensino¹⁴. O fato de 50% dos/as professores/as finalistas e vencedores/as do prêmio Educar terem nível superior completo revela o perfil do profissional que está atento às questões da comunidade negra, principalmente, ao considerar que a maioria atua na Educação Infantil e no Fundamental I (como mostra o gráfico anterior). Chamou a atenção, também, o número de pós-graduados e pós-graduandos, ou seja, quase 46% do total.

Sobre o tipo de escolas em que as práticas pedagógicas foram desenvolvidas, observou-se:



→ As escolas municipais concentraram as práticas finalistas e premiadas (57%).

¹⁴ Segundo dados do MEC/INEP Microdados do Censo Escolar, 2011. Essa mudança deve-se, principalmente, à LDB - Lei 9.394 de 1996, que tornou a elevação gradativa dos anos de escolarização dos profissionais da educação uma meta.

PRÁTICA
PREMIADA

RESGATE DA RIQUEZA CULTURAL DA ÁFRICA A PARTIR DO DESENHO ANIMADO "KIRIKU E A FEITICEIRA"

EMEF Marechal Espiridião Rosas



Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino Fundamental I

Professora

Maria Cecília Pinto Silva

Objetivos

Introduzir a história do negro do Brasil para os alunos, levando-os a conhecer e valorizar a África e o modo de viver dos africanos e, assim, procurar elevar a autoestima da criança afro-descendente.

Metodologia

- Sensibilização dos alunos, por meio de levantamento de seus heróis, com tabulação dos resultados, organizando os heróis pela origem étnica; produção de gráficos de barra e pizza.
- Levantamento de conhecimento prévio dos alunos sobre o continente africano, com elaboração de hipóteses e problematizações.
- Apresentação dos conteúdos, estimulando a pesquisa e relacionando-os com os objetivos da proposta.
- Avaliação contínua, utilizando diferentes instrumentos, como desenhos, produção de textos, debates, registros.

Atividades desenvolvidas

- Apreciação do desenho “Kiriku e a feiticeira”.
- Produção de textos e ilustrações, individual e coletivamente, a partir das imagens e dos debates.
- Discussão sobre as ideais veiculadas na história e nos diversos materiais utilizados.
- Comparação da história do filme com outras recolhidas na tradição oral dos diversos continentes.
- Leitura de contos de fadas, lendas, fábulas e sagas.
- Levantamento das características do conto de fadas.
- Confecção de cartazes; pesquisa em livros; seminários.

Resultados alcançados

- Mudança de postura; reconhecimento da existência de discriminação e preconceito em relação aos negros e, conseqüentemente, necessidade de conhecer e discutir o assunto.
- Maior conhecimento sobre o continente africano e suas culturas.
- Compreensão, respeito e curiosidade diante das diferenças étnicas e culturais.
- Elevação da auto-estima das crianças negras, a partir da identificação de valores positivos, tais como: sabedoria, inteligência, curiosidade, beleza e esperteza nas personagens negras.

Com relação à área em que estão situadas, 83% das escolas ficam em áreas urbanas. O acúmulo do CEERT mostrou que muitas das práticas nasceram em regiões periféricas, embora nesta pesquisa não se tenha sistematizado dados com este recorte.

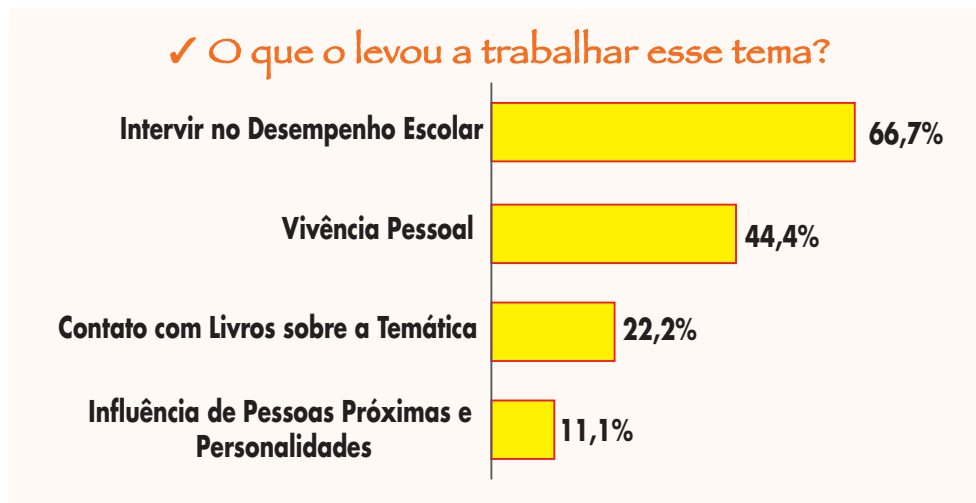
As escolas municipais ganharam destaque na quantidade de práticas apresentadas, seguidas pela rede estadual. A baixa taxa da rede privada foi um dos dados mais alarmantes deste estudo, já que a mesma cobrança que recai nas escolas públicas deveria acontecer também dentro da esfera privada. Nesse contexto, seria necessário avaliar o papel do MEC e das Secretarias de Educação no fomento à implementação da LDB alterada pela lei 10.639/2003 e no seu monitoramento.

Nesse sentido, ao considerar que a maioria das práticas é desenvolvida em ambientes periféricos precarizados, que exigem do/a docente uma ação mais incisiva para superar a falta de estrutura enfrentada dentro e fora das escolas pelos/as alunos/as, subsidiar a aproximação do aluno/a com a escola surge como algo imprescindível. Há trechos do texto das *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (DCNERER)* que versaram, especificamente, sobre essa necessidade da escola dialogar em sua estrutura com seus/suas alunos/as negros/as.

Vale lembrar que, quanto mais periférica uma escola, mais negra ela se torna. Por conta disso, o tópico “intervir no desempenho escolar” foi apontado como a principal razão que levou professores/as a incluírem a pauta da promoção da igualdade racial dentro da sala de aula. A percepção de que o trabalho com esse tema melhora o desempenho dos/as alunos/as ficou ainda mais relevante quando os dados sobre as desigualdades na educação foram considerados.

Segundo artigo publicado em 2012, pela pesquisadora Paula Louzано¹⁵, os questionários socioeconômicos da Prova Brasil 2011¹⁶, respondidos pelos próprios estudantes, revelaram que 43% das crianças autodeclaradas pretas já tiveram algum tipo de fracasso escolar¹⁷ – entre as pardas o índice é de 34%. Ou seja, 77% das crianças negras (pretas e pardas) vivenciaram a repetência, evasão ou baixo rendimento, frente a 27% de crianças autodeclaradas brancas. Enquanto 7% dos brancos tiveram mais de dois anos de atraso escolar, entre os negros/as este indicador chegou a 14% (PNAD, 2011).

Dados como estes reforçam a necessidade de políticas educacionais, que promovam a igualdade racial como ponto focal para atingir uma melhora na educação, e a importância de dialogar com os aspectos históricos, culturais e sociais dos/as alunos/as negros/as, a fim de intervir no desempenho escolar e incentivar o respeito e a valorização da pluralidade étnica dentro da sala de aula como benefício a todos/as os/as alunos/as.



→ A possibilidade de intervir do desempenho escolar foi apontada como principal motivação dos/as professores/as para a escolha do trabalho com a educação étnico-racial.

15 O artigo "Fracasso Escolar e Desigualdade no Ensino Fundamental", da pesquisadora Paula Louzано, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), está publicado no relatório **De Olho nas Metas 2012**, quinta edição do monitoramento das 5 Metas do Todos Pela Educação. Link da publicação: http://www.todospelaeducacao.org.br//arquivos/biblioteca/de_olho_nas_metas_2012.pdf.

16 Avaliação externa administrada pelo Ministério da Educação, aplicada a alunos de 5º e 9º anos do Ensino Fundamental, com abrangência censitária das escolas públicas. A Prova Brasil 2011 foi aplicada a mais de 4 milhões de estudantes em todo o Brasil.

17 O fracasso escolar é entendido como baixo rendimento, repetência, abandono e evasão.

PRÁTICA

PREMIADA

PROJETO: RAIZ

EMEF Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento

Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino fundamental II

Professoras

Luzinete Araújo Benedito

Maria do Carmo Oliveira Gomes

Sandra Carvalho Batista

Ana Paula Notaroberto C.



“Raiz: conhecendo e difundido a cultura brasileira.”

Objetivos

- Conhecer, valorizar, difundir e resgatar a cultura afro-brasileira.
- Trabalhar contra qualquer forma de discriminação, preconceito e racismo.
- Fomentar liberdade, diversidade, dignidade e o respeito às diferenças.
- Resgatar a auto-estima dos alunos e sua identidade étnico-racial, bem como promover a reflexão e a compreensão acerca da nossa história.

Metodologia

- Aulas expositivas.
- Debates.
- Leitura de textos e apresentação de vídeos.
- Visitas.
- Oficinas.

Principais atividades

- Encontros de formação.
- Oficinas de dança afro, percussão, capoeira e coral afro-brasileiro (aos sábados).
- Realização da “Semana da Consciência Negra”, da qual toda a escola participou.
- Apresentações da produção do grupo participante e difusão permanente de seus objetivos na comunidade e em escolas da região.

Resultados alcançados

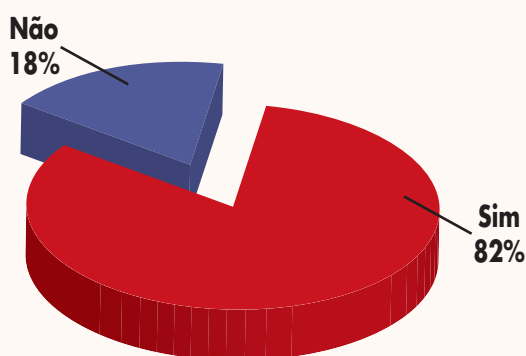
- Elevação da autoestima, respeito a si e aos outros, maior integração, senso de responsabilidade, espírito crítico, participativo e solidário.
- Montagens de figurinos e de coreografias, além da criação de repertório afro.
- Apresentação do grupo em vários lugares com dança, percussão, capoeira e coral; os alunos também falam sobre o que aprenderam com o projeto.
- Realização da “Semana da Consciência Negra”.
- Mudanças nas atitudes do dia-a-dia, não só daqueles que participam diretamente do projeto, também de seus familiares.

Comentário

“Destaca-se que o Projeto Raiz envolve professores de áreas distintas, tendo um caráter interdisciplinar. O ponto forte é a associação entre as oficinas, as formações, as reuniões com os pais e ‘outras vivências’. Outro aspecto que merece destaque é a articulação do projeto com outras escolas e espaços culturais. Isto evidencia o impacto do Projeto Raiz para além das fronteiras da escola e atesta que estão sendo estabelecidos vínculos com a comunidade. O projeto demonstra que tem alicerces, fôlego, e uma comunidade que o justifica.”

A média das práticas previstas no PPP¹⁸ das escolas da cidade de São Paulo (82%) superou a encontrada no balanço nacional realizado pelo CEERT (75%). Este dado pode ser encarado como grande avanço para a implementação da LDB alterada pela lei 10.639/2003 na cidade. Mais do que desenvolver uma prática pedagógica, a grande maioria dos/as professores/as está avançando na inserção dos conteúdos tratados nas DCNERER na estrutura educacional das unidades de ensino, bem como ampliando a inclusão da “discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular”¹⁹ dentro das escolas.

✓ **As atividades estavam relacionadas ou previstas no PPP da escola?**



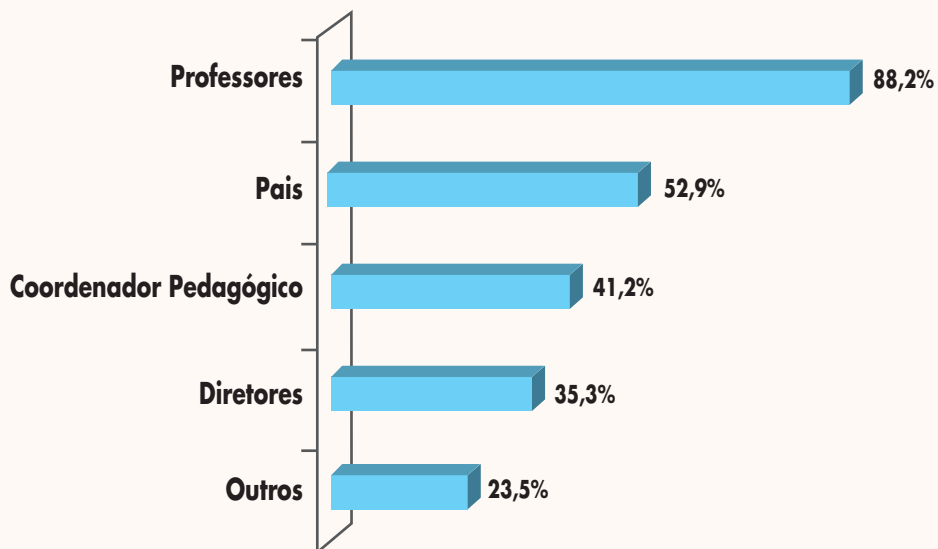
→ Em 82% as práticas estavam previstas no Projeto Político Pedagógico, o que acentua a importância de sua inclusão na etapa de planejamento.

É importante notar como as práticas pedagógicas que versam sobre a cultura afro-brasileira e africana têm poder agregador de levar a comunidade para dentro da escola. Os/as professores/as relataram que só conseguiam ter êxito na realização das práticas porque contaram com outros/as professores/as, gestores/as, pais, coordenadores/as pedagógicos/as, diretores/as, entre outros.

¹⁸ Projeto Político Pedagógico.

¹⁹ Trecho das *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*.

✓ Colaboradores no Planejamento da Prática



→ Os/as professores/as (88,2%) foram os principais responsáveis pelo planejamento das práticas, apoiados/as pelos/as pais (52,9%), pelos coordenadores/as pedagógicos/as (41,2%) e pelos diretores (35,3%).



PRÁTICA
FINALISTA

RESGATE DA RIQUEZA CULTURAL DA ÁFRICA A PARTIR DE SUA TRADIÇÃO ORAL

EMEF General Álvaro Silva Braga



Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino fundamental I

Professora

Maria Cecília Pinto Silva

“A importância de conhecer a África vem da necessidade de se valorizar.”

Objetivos

Dar visibilidade à riqueza cultural da África e ao modo de viver dos africanos, bem como introduzir o conceito de cultura para os alunos da 3ª série.

Metodologia

- Produção de textos, desenhos e cartazes.
- Exposição deste material na escola, em diversos momentos.

Principais atividades

- Sensibilização dos alunos acerca do tema do projeto.
- Os alunos desenharam, escreveram, ouviram histórias.
- Reflexão crítica acerca dos conteúdos apresentados.

Resultados alcançados

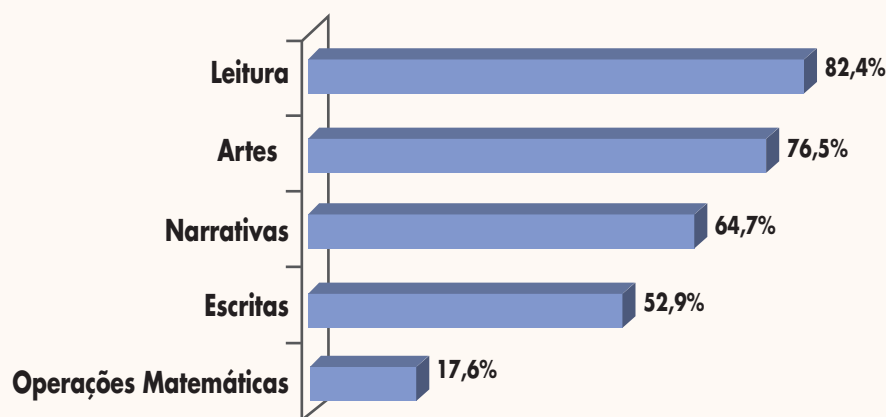
Esta ação pedagógica foi gratificante, pois atizou minha vontade de pesquisar mais, criando novos recursos e buscando materiais e metodologias cada vez melhores para apresentar aos alunos.

Comentário

“Como ponto forte, podemos destacar a vivência das crianças ao trabalhar a questão racial e a diversidade”.

Diferentemente do que consta no imaginário criado sobre a aplicação da LDB alterada pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008 – em que qualquer atividade cultural pontual daria conta de cumprir o objetivo indicado nas DCNERER²⁰ –, o campo do conhecimento das artes não foi o mais utilizado para ampliar os conhecimentos dos/as alunos/as, mas sim o campo da leitura.

✓ Objetivo da Prática no Campo do Conhecimento



→ Foi predominante nas práticas pedagógicas a intersecção das diferentes áreas do conhecimento, incluindo atividades de leitura, escrita, artes e operações matemáticas.

Na esfera de produções pedagógicas, percebeu-se a tendência de incentivar a autonomia dos estudantes oferecendo a possibilidade da criação de materiais. A leitura (82,4%) e a produção textual (75%) foram os grandes destaques, alcançando os maiores percentuais.

²⁰ Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

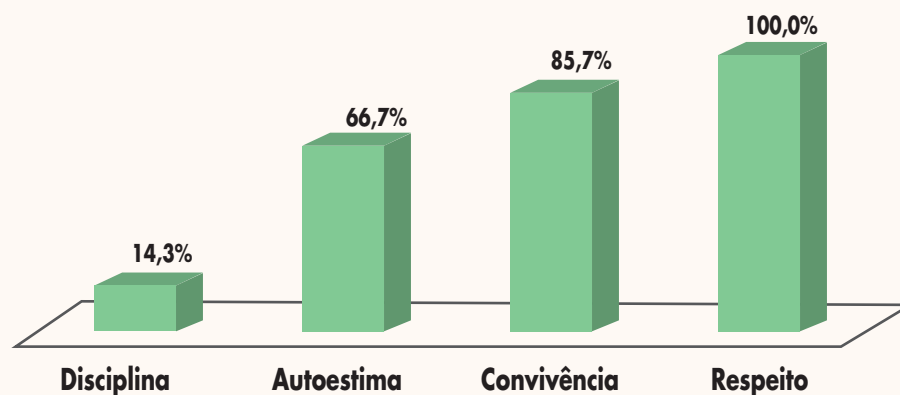
✓ Materiais Produzidos pelas Práticas



→ As temáticas da história e da cultura afro-brasileira, africana e indígena inspiraram a criação de diversos materiais pedagógicos, principalmente: textos, livros e cartilhas (75%), fotografias (60%), cartazes, pôsteres e vídeos (40).

Ao tentar compreender os objetivos da prática pedagógica no campo dos valores, professores/as destacaram que 100% dos trabalhos visavam estimular o “respeito” e, em seguida, uma melhor “convivência” entre os/as alunos/as, promover a “autoestima” e incentivar a “disciplina”, como fica explícito no gráfico abaixo:

✓ Objetivos da Prática no Campo dos Valores



→ A busca de respeito, de boa convivência e a construção de autoestima foram apontadas como objetivos principais das práticas pedagógicas.

PRÁTICA
FINALISTA

CONEXÕES COM A CULTURA NEGRA: CONEXÃO COM A ÁFRICA E CONEXÃO DIRETA AO CORAÇÃO DO BRASIL

Centro de Ensino São José

Cidade, estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino fundamental II

Professor

Francione Oliveira Carvalho

Desafios

- Discutir a existência de racismo no Brasil e a intolerância étnico-religiosa, além do conceito de raça e etnia.
- Conhecer o continente africano, além da questão da escravidão.
- Perceber a importância do negro na identidade do povo e da cultura brasileira.
- Conhecer os valores agregados à cultura africana, valorizando sua herança.

Estratégias

- Análise da imagem do negro na mídia e a abordagem que ela faz sobre as políticas afirmativas.
- Organização da semana reflexiva aberta à comunidade do Jardim Bonfiglioli, composta por encontros com profissionais e educadores negros que contaram sobre suas experiências de vida.



- Apresentações artísticas e exposição coletiva dos trabalhos produzidos pelos alunos.

Ações práticas

- Levantamento da imagem do negro na mídia brasileira e sua relação com os dados do IBGE sobre a situação atual dos afro-descendentes.
- Produção artística a partir da silhueta do mapa da África, com o objetivo de valorizar a negritude.
- Conhecimentos de grupos étnicos africanos.
- Discussão sobre o conceito de raça e etnia.
- Estudo da arte africana e visita ao Museu Afro-Brasil.
- Produção de máscaras africanas utilizadas na contação de histórias sobre a mitologia africana e afro-brasileira.
- Dramatização.
- Identificação de valores culturais do africano nas histórias narradas e nos objetos estudados.
- Diferenciação entre o candomblé, a umbanda e o espiritismo.
- Relação entre a cultura afro-brasileira e a música popular do Brasil.
- Levantamento de personalidades negras que referenciam a história, a política, a cultura e a arte.

Conquistas

- Percepção pelos alunos de que a imagem do negro é bela, mas geralmente ignorada pela mídia, presente com destaque apenas em publicações específicas e vinculadas a situações pouco positivas, além da ideologia depreciativa nas abordagens dos meios de comunicação sobre as ações afirmativas.
- Desmistificação de informações deturpadas sobre a cultura negra, o que resultou em atitudes de tolerância, de surpresa pela descoberta da cultura africana e afro-brasileira, além do entendimento de sua origem e, em muitos casos, de sua própria identidade.

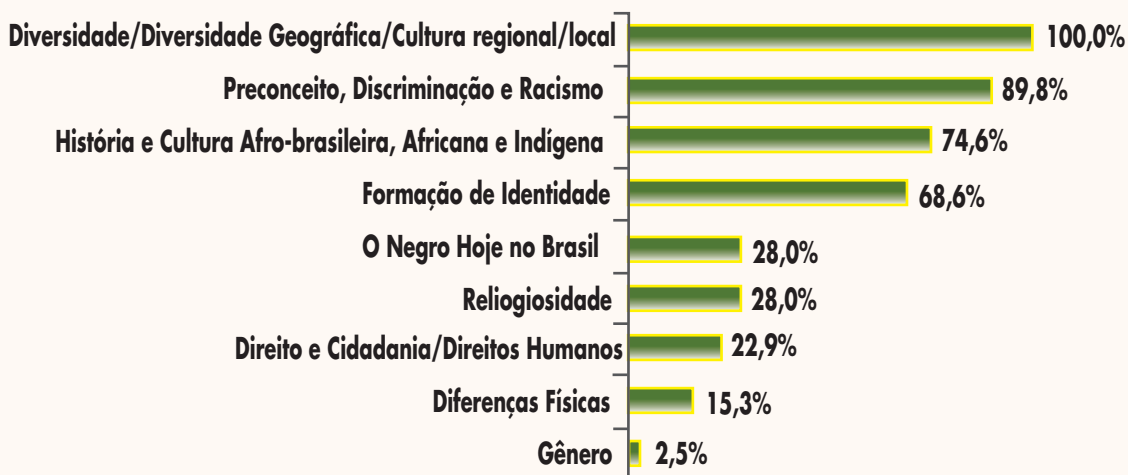
A voz do especialista

“O autor demonstrou segurança, persistência e domínio da idéia.”

Entre os temas mais contemplados nas práticas estiveram a diversidade regional, o preconceito-racismo-discriminação e a história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Ganharam destaques, também, a “formação da identidade” e a “religiosidade”. Ter o racismo como tema abordado confluiu com o dado apresentado no estudo nacional realizado pelo CEERT, no qual 51,8% dos trabalhos foram desenvolvidos em resposta a uma situação específica de discriminação e preconceito na escola.

A maioria das práticas que trouxeram como tema central a história afro-brasileira, africana e indígena surgiu no sentido do reconhecimento e da valorização da contribuição desses povos na formação cultural e política do Brasil. Mesmo em menor percentual, o tema da religiosidade merece ser comentado, uma vez que traz para o ambiente escolar uma discussão silenciada pelo preconceito, principalmente, com relação às religiões de matriz africana. Por fim, o gráfico abaixo demonstra necessidade de se promover temas que interseccionem raça e gênero, a fim de dar visibilidade à condição da mulher negra e sua contribuição para o País.

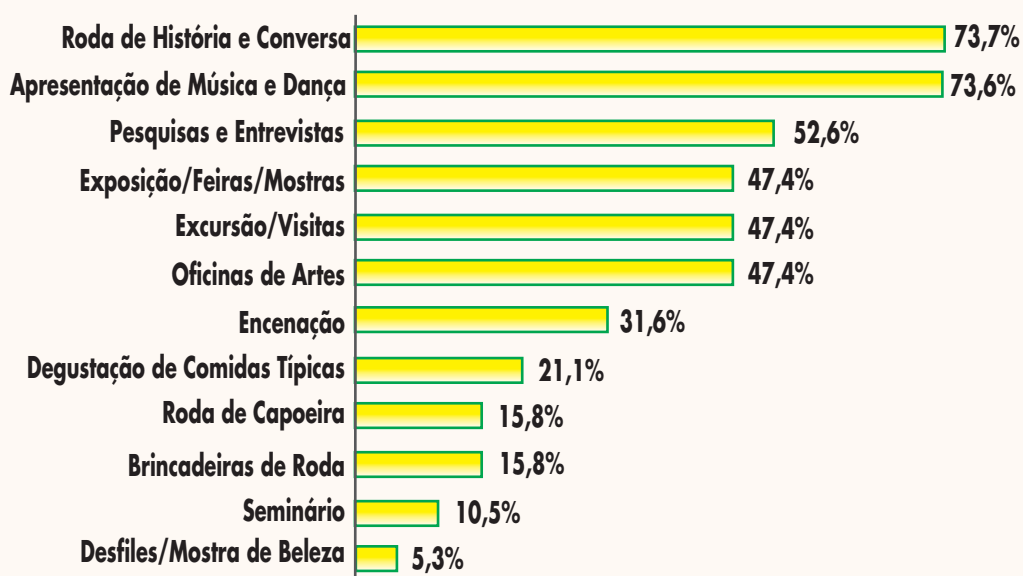
✓ Temas Abordados nas Práticas



→ Em 100% das práticas pedagógicas, o principal tema abordado foi a diversidade geográfico-cultural, seguido pela abordagem do preconceito, da discriminação e do racismo (89,8%).

No gráfico a seguir, percebe-se uma valorização de métodos de exposição, do trabalho realizado, que concederam dinamismo e contribuíram para a circulação daquele conhecimento gerado dentro da escola. Desse modo, as atividades realizadas como parte das práticas ganharam diversidade com rodas de conversas, apresentações culturais, seminários realizados pelos/as alunos/as e oficinas, entre outros.

✓ Atividades Realizadas para Público Interno



→ A roda de história e conversa e a apresentação de música e dança foram as atividades pedagógicas escolhidas para a abordagem da temática.

PRÁTICA
FINALISTA

ÁFRICA: A HISTÓRIA DA HUMANIDADE COMEÇA AQUI

E. E. Prof. Antonio Bernardes de Oliveira

Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino médio

Professoras

Adriana Akemi Sato

Deni Ribeiro Prado

Simone T. Elias Francisschetti



Desafios

- Promoção de discussão sobre o tema, em atendimento à população de afro-descendentes, excluída da história do Brasil, ou apenas analisada como força de trabalho utilizada no processo de escravidão dos africanos no Brasil.
- Valorização da história do continente africano, visando a possibilidade do resgate da construção da nossa história, com a contribuição da cultura africana presente em nosso cotidiano: traços físicos, costumes alimentares, uso da linguagem e arte de modo geral.

Estratégia

Cada componente curricular trabalhou de forma diferenciada as atividades de pesquisa, localização, síntese, releitura de obras iconográficas (quadros e esculturas) e de leitura (poemas, contos), confecção de painéis e livros que foram expostos no encerramento das atividades.

Ações práticas

- Direcionar o espaço escolar para uma observação da diversidade em nosso país.
- Levantar aspectos presentes na cultura brasileira com as singularidades e diversidades com a influência recebida no decorrer desse processo histórico.
- Realizar provocações que conduziram à pesquisa e à busca de respostas para a complexidade em que se baseia nossa cultura.
- Localizar geograficamente os diversos impérios e grupos históricos que compõem o continente africano, debatidos e transformados em painéis, máscaras e objetos que foram expostos.
- Realizar visitas ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e à Pinacoteca para conhecer obras que retratam a figura do negro na visão de diferentes artistas.

Conquistas

Podem ser constatadas a partir de depoimentos de alguns alunos:

- “Esse projeto nos mostrou que a África não é aquele lugar que só tem pobreza, miséria. Isso existe sim, mas existem lugares maravilhosos.”
- “Trabalhar com o projeto da África foi muito gostoso porque vejo a África agora de outro jeito, com outros olhos.”
- “Não é só de problemas que a África é tomada, mas sim de uma belíssima cultura.”
- “Eu não conhecia. Pensava que a África fosse só de pobreza e nada mais.”
- “Antes tínhamos a África como submundo por natureza. Agora, por meio do projeto, sabemos que foi o próprio homem que a desfigurou dessa maneira.”

A voz do especialista

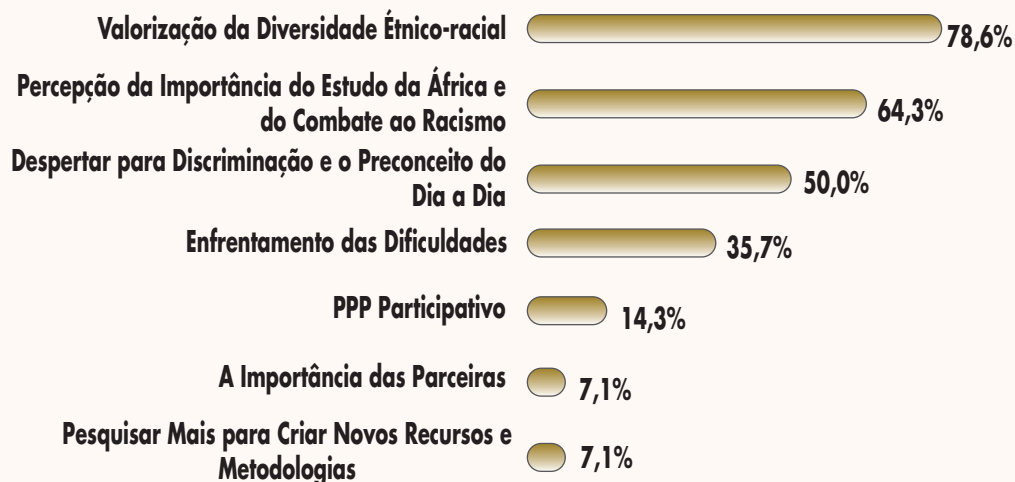
“Ótimo trabalho. Tem como ponto alto o envolvimento com a comunidade e o uso de recursos diversos para desenvolver as atividades.”

Compuseram o público interno: outros/as alunos/as da escola, demais professores/as, gestores/as e funcionários/as em geral. Os dados sobre as metodologias utilizadas revelaram que os/as professores/as priorizaram métodos que deem vez e voz aos/as alunos/as na hora de trabalhar com a temática racial. As rodas de história/conversa e os debates estiveram presentes em 100% das práticas. As tradicionais aulas meramente expositivas não apareceram como metodologia central e estiveram sempre aliadas às aulas práticas, seminários e oficinas.

Partindo desta metodologia, entender como os/as alunos/as foram avaliados/as é importante, uma vez que o método escolhido pode “beneficiar” ou “comprometer” o desempenho apresentado pelo/a aluno/a. Neste sentido, as práticas da cidade de São Paulo evidenciaram mudanças por parte dos/as professores/as. A maioria valeu-se da observação durante o desenvolvimento das atividades como forma de avaliação (84,2%). A tradicional prova dissertativa perdeu espaço nesse contexto para as avaliações coletivas e para a autoavaliação (31,6%). Os registros (cadernos) ou relatórios das atividades e trabalhos também foram mais valorizados.

Nesse processo de implementação da LDB alterada pela lei 10.639/2003, por meio das práticas, os/as professores/as sinalizaram o que eles/as próprios/as aprenderam. As respostas refletiram uma mudança significativa na importância dada a esses conteúdos no ambiente escolar.

✓ Lições Aprendidas



→ Dentre as principais lições aprendidas com as práticas foram citadas: a valorização da diversidade étnico-racial (78,6%); a percepção da importância do estudo da África e do combate ao racismo (64,3%); o despertar para a presença da discriminação e do preconceito no dia a dia (50%).

Notou-se que o/a professor/a destacou a importância do reconhecimento, da valorização e da promoção da igualdade inseridos no ambiente escolar, assim como entendeu a necessidade de abordar conteúdos referentes ao continente africano quando se pretende promover ações de combate ao racismo. Assim como o que foi apresentado no balanço nacional, quando perguntado/a o que melhoraria no desenvolvimento da sua prática, uma das principais preocupações dos/as professores/as de São Paulo foi a necessidade de aprofundamento e formação na temática (44,4%), seguida pela busca por apoio financeiro (33,3%) e maior participação do corpo escolar (22%).

EE Professora Amália

Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino médio



Professoras participantes

Deise Renata G. Agnani, Lucia Helena Costa, Augusta Caridade Nascimento, Fabiana Martins Alencar Zangirolami, Fabiana Marques Alvares, Luciana Cristina de Arruda, Iana Tognon Jacob, Enolaidia de Oliveira, Josefina D'Áfoli Lino Machado, Joana Dárc de Andrade Teixeira, Neide Aparecida Olmos, Maria Cristina da Silva Barbosa Viana, Lucia Helena Sottero Gazzzone, Aline de Figueiredo Ciconelli, Ana Paula Nogueira, Ana Paula Moreira, Daniela Machado, Silmara Lúcia Barbosa, Lucilene Aparecida Barbosa, Eliane Solange P. da Silval, Andressa Ruiz Spiegiorin, Renilda Aparecida dos Santos, Lia Branco, Elissandra Maria de Oliveira.

Resumo

Essa prática pedagógica se desenvolveu orientada para o apreender a cultura africana e afro-brasileira e para a valorização da diversidade étnica. As atividades de dança, confecção de máscara, receitas culinárias, leituras, aproximaram as crianças, seus pais e o corpo docente do rico e diverso universo africano.

Desafios enfrentados

Trabalhar a autoestima, a valorização e o respeito à cultura africana.

Estratégias utilizadas

- Reescritas, leituras; danças; músicas; filmes.
- Troca de experiência entre docentes

Ações desenvolvidas

- Participação em formações continuada: São Paulo – Educando pela Diferença para Igualdade; Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais; Negros em ação, Afirmando seus direitos e construindo a democracia.
- Trabalho em sala de aula com literatura infantil.
- Confeção de bonecas de panos e máscaras.
- Trabalho com a música.
- Pintura de quadros com o tema afro.

Conquistas alcançadas

- Crianças mais confiantes e respeitadas entre si.
- Melhor desempenho nas atividades escolares em geral.
- Satisfação com as atividades da prática pedagógica.
- Aumento do conhecimento sobre a África e sobre os africanos.

As práticas realizadas, geralmente, modificaram algo na estrutura escolar e/ou pedagógica. No caso de São Paulo, 57% dos/as professores/as afirmaram que o fortalecimento do trabalho coletivo foi um dos resultados da prática que serviu também para se pensar novas formas de ensinar (42%). A adesão ao projeto, por parte da coordenação e de outros/as professores/as, foi apontada como reflexo positivo de mudança para 28,6% dos/as professores/as.²¹

Os/as professores/as assinalaram, também, as principais mudanças pessoais e na prática educativa. As maiores porcentagens apareceram na “conscientização de quanto é necessário refletir sobre a promoção da igualdade no cotidiano escolar” (90%) e na “necessidade do trabalho com a diversidade” (60%).

Ao refletirem sobre a promoção da igualdade no ambiente escolar, os/as professores/as acabaram reconhecendo seus próprios preconceitos com relação aos/as alunos/as. Em 2009, um estudo dos pesquisadores Ricardo Madeira, Marcos Rangel e Fernando Botelho, do Departamento de Economia da Universidade de São Paulo (USP), comparou as notas que os/as professores/as davam aos/as seus/suas alunos/as com as notas obtidas pelos/as estudantes no Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), avaliação anual do governo paulista. Os dados mostraram que alunos/as negros/as e brancos/as com os mesmos resultados no SARESP tinham notas diferentes dadas por seus docentes em sala de aula – as notas das crianças brancas eram maiores. Entre meninos e meninas, eram elas que apresentavam os melhores desempenhos, de acordo com os/as professores/as²².

21 Questão permitia múltiplas escolhas.

22 Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2812200901.htm> Acessado em: 18/05/2014.

Os pesquisadores levantaram duas hipóteses: os/as professores/as podiam estar assimilando e repetindo discriminações ou os/as professores/as conseguiam enxergar dentro da sala de aula diferenças individuais e socioeconômicas que influenciavam suas percepções e que não eram contempladas pela avaliação do Estado. Sem apresentar conclusões, o estudo, de qualquer maneira, tem valor por explicitar o peso da visão particular dos/as professores/as sobre seus/suas alunos/as.

Retomando a análise das práticas premiadas e finalistas, foram citadas como mudanças de comportamento dos/as professores/as de São Paulo, “a maior aproximação com os pais”, “a importância de propor ações comprometidas com a história e a cultura da comunidade” e “a valorização da história pessoal dos/as alunos/as”.

Categoria Escola



A teoria sem a prática vira “verbalismo”, assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.

Paulo Freire

A categoria **Escola** surgiu na quarta edição do prêmio Educar para a Igualdade Racial (2008), a partir de pesquisa desenvolvida pelo CEERT e parceiros em 2007, que apontou para a baixa institucionalização²³ das práticas de promoção e valorização da diversidade étnico-racial. As professoras entrevistadas apontaram que se sentiam isoladas (sozinhas) em relação à participação dos/as demais professores/as e, também, em relação à atenção da gestão escolar quando estavam desenvolvendo práticas e atividades pedagógicas relativas à temática da diversidade étnico-racial. A estratégia utilizada pela equipe do CEERT para superar a situação de isolamento e contribuir para a implementação das DCNERER²⁴ foi destinar uma premiação específica às boas ações de gestão escolar no âmbito das relações raciais.

23 Entende-se como aspectos da institucionalização quando a escola pratica o reconhecimento, a valorização e a promoção da igualdade étnico-racial de forma organizada e orgânica, não mais dependendo da ação individual de um/a professor/a. São indícios da institucionalização da temática: a presença no Projeto Político Pedagógico; a incorporação da temática no currículo em todas as disciplinas; e a presença na escola de materiais pedagógicos como livros e filmes que ajudem na condução da temática, entre outros.

24 *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.*

A **Gestão escolar** é composta por três áreas que funcionam de forma integrada:

- ▶ **Gestão pedagógica** – Cuida de gerir a área educativa, propriamente dita. Estabelece objetivos, gerais e específicos, para o ensino. Define as linhas de atuação, em função dos objetivos e do perfil da comunidade e dos/as alunos/as. Propõe metas a serem atingidas. Elabora os conteúdos curriculares. Acompanha e avalia o rendimento das propostas pedagógicas, dos objetivos e o cumprimento de metas. Avalia o desempenho dos/as alunos/as, do corpo docente e da equipe escolar como um todo. O/a diretor/a é o/a grande articulador/a da gestão pedagógica e o/a primeiro/a responsável pelo seu sucesso. É auxiliado/a nessa tarefa pelo/a coordenador/a pedagógico/a.
- ▶ **Gestão administrativa** – Cuida da parte física (o prédio e os equipamentos materiais que a escola possui) e da parte institucional (legislação escolar, direitos e deveres e, ainda, atividades de secretaria).
- ▶ **Gestão de recursos humanos** – Constitui a parte mais sensível de toda a gestão. Os direitos, deveres e atribuições – de professores/as, corpo técnico, pessoal administrativo, alunos/as, pais e comunidades – estão previstos como orientadores da sua função.

PRÁTICA

FINALISTA

PRIMEIRO ENCONTRO AFRO-CULTURAL DE INTEGRAÇÃO

EE Vicente Casali Padovani

Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino fundamental I

Professoras

Regina Corochel,

Pérola Monteiro dos

Santos Quintiliano,

Marli Josefa Calixto, Lucinéia Thim Vitorino, Elisete Alberico.



Resumo

Essa prática pedagógica compartilhou com outras escolas da cidade, os saberes adquiridos à partir de uma projeto de construção de cidadania, explorando os caminhos do patrimônio étnico e cultural da comunidade escolar. A prática pedagógica se inspirou na Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos valores civilizatórios africanos.

Desafios enfrentados

- Promover o reconhecimento e valorização da pluralidade étnica e cultural.
- Contribuir na formação pessoal e social de crianças e adolescentes.
- Combater as situações de preconceitos e racismos comuns ao ambiente escolar.
- Reunir escolas para a realização de encontro cultural de integração escolar.
- Introduzir a história africana e afro-brasileira no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar.
- Preparar o corpo docente para abordagem do tema.

Estratégias utilizadas

- Identificar as características da população do entorno que compõem a região escolar e suas influências culturais.
- Envolver o Grêmio Estudantil para ampliar a participação dos estudantes.
- Sensibilizar para o convívio pacífico e criativo das diferenças.
- Produzir materiais em sala de aula.
- Envolvimento de órgãos governamentais, ONGs, iniciativa privada e da sociedade civil.
- Organização de palestras, participação em formações continuadas e multiplicadas para o corpo docente da unidade escolar.

Ações desenvolvidas

- Palestras informativas para famílias e educadores.
- Grupos de trabalho.
- Workshops.
- Exposição de fotos, exibição de filmes, contação de histórias.
- Produção de materiais didáticos pelos estudantes (cartilhas, textos, fotos, etc).
- Oficinas de cabelo e maquiagem africanas, indígenas e outras.

Conquistas alcançadas

- Protagonismo estudantil no desenvolvimento das atividades e tarefas.
- Aumento da participação do corpo docente no projeto.
- Integração dos diferentes atores sociais da cidade.
- Valorização e respeito à tradição afro-brasileira.
- Participação de várias escolas no Encontro Afro Cultural de Integração.
- Introdução da temática no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar.

Estas três áreas que compõem a gestão escolar, na realidade do cotidiano da escola, são encabeçadas pelas figuras do/a diretor/a e do/a coordenador/a pedagógico/a.

Nesse contexto, estes são os objetivos da categoria Escola do prêmio Educar que valoriza como práticas de gestão:

- Fortalecer e ampliar as boas práticas de promoção da igualdade racial no ambiente escolar.
- Impulsionar a criação de boas práticas de gestão no âmbito das relações raciais.
- Favorecer a replicação dessas ações.

A gestão escolar que contempla a diversidade étnico-racial, segundo a visão do CEERT, considera os aspectos:

- a) externos – em que emerge a função social da instituição escolar, a forma como produz, divulga e socializa o conhecimento.
- b) internos – em que sobressaem ações administrativas e pedagógicas realizadas em conjunto com a comunidade escolar.

Todas as ações oriundas dos aspectos internos e externos devem estar pautadas nos dois marcos legais e normativos que reeducam para as relações étnico-raciais: as DCNERER e o *Plano nacional de implementação das DCNERER e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*²⁵.

A ficha de inscrição preenchida pelas escolas que concorreram ao prêmio Educar para a Igualdade Racial dialogou intrinsicamente com cinco dos seis eixos que compõem o Plano Nacional de Implementação das DCNERER²⁶. Foram eles:

25 Documento basilar para que todo o sistema de ensino e as instituições educacionais cumpram as determinações legais trazidas pelas DCNERER. Está estruturado em seis eixos estratégicos, definidos por metas de curto, médio e longo prazo. Pode ser acessado no link: http://www.ceert.org.br/programas/educacao/lei10639/planonacional_106391-1.pdf.

26 Apenas o primeiro eixo – Fortalecimento do marco legal – não consta na ficha por ser atribuição dos entes federados e não das escolas.

- **Política de formação para gestores/as e profissionais da educação** – Constitui ação fundamental de revisão da política curricular, visando garantir qualidade e continuidade no processo de implementação das DCNERER.
- **Política de material didático e paradidático** – Assim como no eixo de formação, as ações de produção de conhecimento e material didático, também, são fundamentais para a revisão da política curricular e visam garantir qualidade e continuidade no processo de implementação das DCNERER.
- **Gestão democrática e mecanismos de participação social** – Reflete a necessidade de fortalecer processos, instâncias e mecanismos de controle e participação social, para a implantação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008.
- **Avaliação e monitoramento** – Aponta para a construção de indicadores que permitam o monitoramento da implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008.
- **Condições Institucionais** – Indica os mecanismos institucionais e rubricas orçamentárias necessárias à implementação das DCNERER.



PRÁTICA

PREMIADA

UM POUCO DE NÓS, UM POUCO DA ÁFRICA

EE Bibliotecária Maria Luísa Monteiro da Cunha

Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino fundamental I

Diretora

Raquel Martins

Vice-diretora

Rosa Maria Pudney Penha

Coordenadora pedagógica

Lurdes Ribeiro

Professoras

Ana Cristina Tarifa Pussacos, Arlete Oliveira, Cássia Mariotti Gaspar, Elizete Melo de Mesquita, Isolde Feldmann Farias, Marilene Nunes Aguiar, Patrícia Carla Gonçalves, Rérida Maria Mazola, Rozelane de Santana, Soraya aparecida Pereira do Valle, Tânia Cristina Peres Bazzani

Prática pedagógica

Valorização da oralidade, corporeidade e da arte como a dança, enfocando as contribuições dos africanos para o desenvolvimento da humanidade. A cultura africana faz parte do cotidiano brasileiro, formando assim aspectos primordiais de nossa visão de mundo. Este projeto teve como prática pedagógica resgatar um pouco da África que há em nós, na formação de nosso povo. No ambiente escolar isso ficou mais evidente pela mobilização realizada pela equipe pedagógica, a qual envolveu a comunidade, os professores, os alunos para um só propósito.



Desafios enfrentados

Houve, na escola, várias tentativas de implementação de um projeto sobre cultura africana. Embora diversas professoras desenvolvessem, durante o ano, trabalhos com esse tema, o grupo todo não se sensibilizava com a idéia. Uma das dificuldades era não saber como lidar, em classe, com a questão da discriminação e do preconceito. A mudança ocorreu quando os alunos assistiram ao filme “Kiriku e a feiticeira”, que deixou as crianças e os professores encantados. Foi proposto, então, que os professores lessem, diariamente, durante um bimestre, livros de contos africanos. Percebemos que a riqueza e o arrebatamento provocado por lendas, contos, mitos, fábulas, poesias formavam o caminho para a implementação de um projeto de afirmação da cultura negra em toda a escola. Por isso, decidimos que esse seria o tema do projeto.

Estratégias utilizadas

Garantimos a participação dos alunos no planejamento do projeto, convidando, inicialmente, os afro-descendentes para discuti-lo com a coordenadora. Nossa intenção era saber até que ponto tinham interesse em conhecer suas origens. No final do projeto, fizemos uma avaliação, para a qual convidamos novamente todos os afro-descendentes para comparar o número de alunos participantes no início e no final do projeto. Buscamos familiarizá-los com a literatura africana, colocando à sua disposição livros para empréstimo e leitura do professor. Também pesquisamos, com as famílias, a origem dos seus ancestrais, receitas típicas e histórias contadas pelos avós. Os alunos estudaram a estamperia africana, criando selos com esse motivo. Ensaíram e cantaram, no dia da festa, a música Um pouco de nós, um pouco da África, do grupo Palavra Cantada, que deu nome ao projeto. Dentro da proposta de uso do corpo como expressão de identidade negra, os alunos de todas as classes passaram a usar na escola cabelos trançados e enfeitados à moda africana, durante o desenvolvimento do projeto. Decidimos, com os alunos e professores, como seria o final do projeto: uma festa com danças, desfile de penteados, exposição de trabalhos, apresentação de composições musicais. Visitamos o Museu Afro, no Ibirapuera, fizemos panôes estampados,

inspirados na história Nina e a galinha d' Angola, no Museu Afro e nas aulas de Artes.

Ações práticas

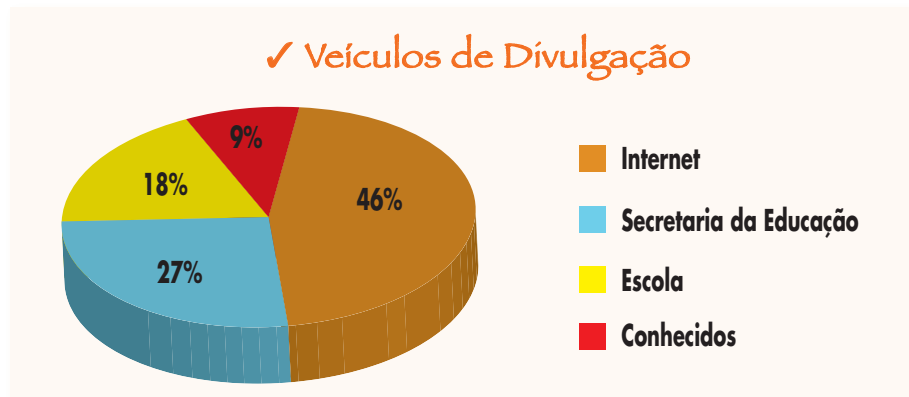
- Reunião com os alunos afro-descendentes para discutir o projeto.
- Levantamento dos conhecimentos sobre a África.
- Apresentação do filme “Kiriku e a feiticeira” e depois transformá-lo em livro ilustrado.
- Localização do continente africano no mapa-múndi.
- Pesquisa, na Internet, dos países africanos de onde vieram os escravos para o Brasil.
- Textos sobre a história africana no Brasil e os movimentos de libertação.
- Leitura de contos da cultura africana e realização de reescritas dos contos lidos em aula.
- Realização de reescrita dos contos lidos.
- Os alunos pesquisaram, com suas famílias, meios de comunicação, como jornais, revistas, livros, sobre a influência da culinária africana na nossa cultura.
- Atividade de artes plásticas de estamperia africana.
- Visita ao Museu Afro, no Ibirapuera.
- Exposição, em mural, de fotos dos alunos e seus familiares.
- Exposição de trabalhos realizados e apresentação de teatro, dança e jograis.

Conquistas alcançadas

A construção do orgulho da ascendência africana entre os membros da comunidade escolar foi notável, por meio da apropriação da cultura de seus ancestrais. Ampliou-se o reconhecimento da riqueza das influências africanas na formação do povo brasileiro. Notamos, também, por meio do projeto, que estabelecemos uma ligação afetiva entre a família e a escola. A participação neste projeto resultou na sua incorporação na proposta pedagógica da escola.

Desse modo, a ficha de inscrição buscou capturar os indícios de institucionalização da temática racial dentro do cotidiano escolar.

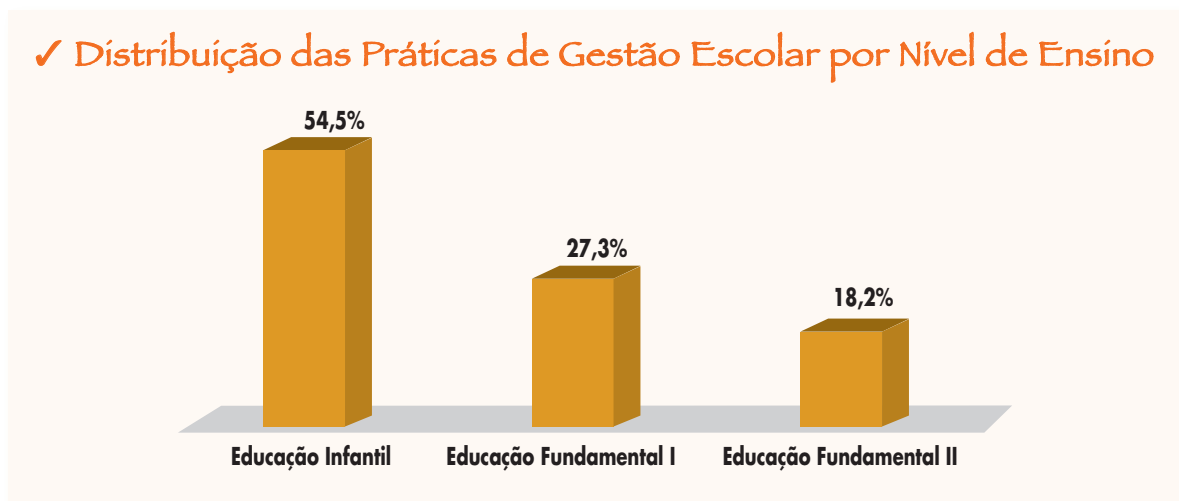
Muitos dos dados obtidos nesta categoria Escola convergiram com o que foi apresentado na categoria Professor, com pequenas diferenças. Exemplo disso foram os dados que avaliaram como os/as gestores/as foram alcançados pelo prêmio Educar.



→ Na categoria Escola, a divulgação do Prêmio na cidade de São Paulo também se efetivou principalmente por meio da internet (46%) e da Secretaria de Educação (27%).

A divulgação feita via internet (46%), seguida pela Secretaria da Educação (27%), foram os principais meios. A categoria Professor apresentou dados semelhantes, porém, para os/as professores/as, as informações chegaram por vias mais difusas.

Ao analisar a distribuição das práticas por nível de ensino, surgiu:



→ As práticas de gestão escolar se destacaram sobretudo em instituições de educação infantil (54,5%).

Na **categoria Escola**, a educação infantil correspondeu a 54,5% das práticas, seguidas pelo fundamental I (27,3%) e fundamental II (18,2%). Não houve práticas do ensino médio. Este dado sinaliza uma sensibilização para o “reeducar para a promoção da igualdade” nos anos iniciais de cuidado e escolarização na cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo, ocorreu o completo silenciamento nos anos finais. Como comentado anteriormente, alterar a proposta curricular do ensino médio – em que há maior engessamento das disciplinas, pautadas pelo processo do vestibular – surgiu como um dos grandes desafios não só para o prêmio Educar, mas sim para a implementação plena da LDB alterada pela lei 10.639/2003.

A experiência do CEERT, com base nos relatos dos/as professores/as, corroborou com as pesquisas que mostraram que, não raro, a escola vai embranquecendo com o passar dos anos e com a proximidade do ensino médio, graças à evasão/expulsão²⁷ escolar de adolescentes negros/as.



²⁷ A pesquisadora dra. Fúlvia Rosemberg apresentou em seus estudos como o termo “evasão” é incorreto no caso dos negros. Segundo Fúlvia, é preciso cunhar a expressão “expulsão da criança negra do sistema escolar”. Fúlvia argumentou que o sistema escolar é hostil para as crianças negras, uma vez que não acolhe sua história, sua cultura e cria uma falsa ideia de não pertencimento. Assim, a evasão deve ser vista também como uma expulsão que o sistema faz em todas as dimensões. Essa mudança simbólica ajuda na responsabilização do Estado, neste quadro, e não julga apenas a ação dos alunos negros. É importante lembrar que as crianças negras estão nas escolas mais empobrecidas, com equipamentos mais sucateados, os professores com pior nível de qualificação e com menos chance de qualificação, entre outras razões.

PRÁTICA

PREMIADA

BRASILÁFRICA

EE Jardim Moraes Prado I



Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino fundamental I

Professora

Mighian Danae Ferreira Nunes

Prática pedagógica

Para além da exposição de uma África objeto, esta prática pedagógica, por meio da participação protagonista das crianças na metodologia e na escolha dos temas abordados, identificou e ressignificou a importância da África, dos africanos e de seus descendentes na formação do Brasil.

Desafios enfrentados

- Discutir a história da África e combater o racismo em sala de aula.
- Corresponder às expectativas das crianças em relação aos temas trabalhados.
- Identificar as devidas contribuições trazidas e (re)significadas na diáspora.
- Tomar contato com outras formas de organização e/ou valorização do conhecimento sistematizado por sociedade outras, num outro e/ou em vários tempos.

Estratégias utilizadas

- Realização de pesquisa sobre a África.
- Participação das crianças na escolha dos temas sobre a África abordados pela prática.
- Transformação das crianças alunas em coautoras da prática pedagógica.

Ações desenvolvidas

- Pesquisa junto as famílias para identificação da origem étnico-racial.
- Atividades pedagógicas com base na pesquisa realizada.
- Transversalização do tema em todas as disciplinas do ensino fundamental.

Conquistas alcançadas

- Ativa participação, inferência e interesse das crianças.
- Maior respeito à diversidade étnico-racial.
- Participação de todas as disciplinas da escola.

Informações recentes baseadas no Censo Demográfico de 2010 e compiladas no estudo “O enfrentamento da Exclusão Escolar no Brasil”, da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e da Campanha Nacional pelo Direito à Educação²⁸, revelou que entre os/as adolescentes de 15 a 17 anos há 1,7 milhão de jovens fora da escola. Este jovem, em sua maioria, era homem (50,7%), negro (61,2%), com renda *per capita* domiciliar inferior a meio salário mínimo (52,9%) e tinha pais sem instrução ou com ensino fundamental incompleto (64,3%).

Outro fenômeno a ser considerado disse respeito à distorção série-idade, já percebida a partir do ensino fundamental. Apenas metade dos/as estudantes negros/as, ao atingir o 6º ano do Ensino Fundamental, tinha a idade correta para o ano em que estudava. De forma geral, a porcentagem de alunos/as negros/as com mais de dois anos de atraso escolar chegou a 14% no Brasil. Entre alunos/as brancos/as, a taxa caiu pela metade: 7%. Entre jovens brancos/as, de 15 a 17 anos de idade, a taxa de frequência escolar líquida foi de 62,9%, enquanto entre pretos ou pardos foi de 47,8%.²⁹

Em uma megalópole como São Paulo, esses números foram agravados pelas condições econômicas precárias da população negra, pelo trabalho infantil e pelo alto índice de crianças e adolescentes em situação de rua. Na cidade, verificou-se que 173.815 crianças não frequentam a escola entre 4 a 17 anos, o que corresponde a 7,6% da população desta faixa etária. Na faixa etária entre 15 e 17 anos, observou-se o maior contingente fora da escola: 70.846 de adolescentes, o equivalente a 14,6% do total³⁰. A falta da pluraridade étnica no ensino médio colaboraria para o não enfrentamento das desigualdades raciais, uma vez que a presença de alunos/as negros/as surgiu como um dos principais gatilhos para abordar esta questão.

28 Estudo apresentado em maio/2014 durante o 6º Fórum Nacional Extraordinário da UNDIME (União dos Dirigentes Municipais de Educação).

29 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2011.

30 Informações retiradas do portal <http://www.foradaescolanaopode.org.br/> que usa os microdados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conteúdo lançado em maio/2014 pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em parceria com a Campanha Nacional pelo Direito à Educação.

Quando questionada sobre a inserção do conteúdo das *DCNERER*³¹ no Projeto Político Pedagógico, 100% da gestão respondeu que sim, que houve a inclusão, o que revelou um conhecimento sobre a existência e os dizeres das *Diretrizes*.

Com relação à formação específica sobre o tema étnico-racial aplicado à educação, a maioria dos/as gestores/as afirmou ter recebido algum tipo de capacitação. A Secretaria da Educação foi citada como uma das principais promotoras das atividades formativas, porém, muitos assinalaram terem feito curso por iniciativa da própria direção da escola e da diretoria de ensino.

Ainda com relação às formações, integrantes do Movimento Negro foram apontados como principais ministradores de palestras formativas. Essa relação com a gestão escolar deve ser celebrada, uma vez que a pauta da educação está presente desde a formação do Movimento Negro³².

Além disso, esse dado demonstrou que as escolas estavam em consonância com o texto das *DCNERER*, que frisou a importância dessa relação no planejamento das atividades, como citado na normativa³³: “Os sistemas e os estabelecimentos de ensino poderão estabelecer canais de comunicação com grupos do Movimento Negro, grupos culturais negros, instituições formadoras de professores/as e núcleos de estudos e pesquisas, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para planos institucionais, planos pedagógicos e projetos de ensino”.

31 *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.*

32 Na província do Estado de São Paulo, o regulamento de 1887 já coibia a matrícula de escravos nas escolas, salvo nos cursos noturnos e com a autorização dos senhores. Essas e outras formas de barrar a escolarização dos negros fez com que a educação tenha sido, desde o início, vista como essencial para aceitação, reconhecimento e valorização da história e cultura negras. Já em 1931, a Frente Negra Brasileira nasceu com essa missão e logo abriu uma escola primária na cidade de São Paulo. Em todas as festividades escolares, o Hino Nacional e o Hino da Gente Negra eram executados. Essas experiências no campo da educação foram interrompidas com o fechamento da Frente Negra pela ditadura Vargas, mas cumpriram o papel de fomentar o debate sobre a educação dos negros/as brasileiros/as.

33 Resolução CNE/CP 1/2004 em seu artigo 4º.

PRÁTICA
PREMIADA

OS PRÍNCIPES DO DESTINO

EMEF Cassiano Ricardo

Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino fundamental I

Professoras

Sidnéa Basile de Almeida, Elaine Molina Pacheco, Lucimara Zam Vieira e Olga Mendes Pereira Ribeiro.

Resumo

Com base na literatura afro-brasileira, professores implementaram ações voltadas para o resgate da identidade cultural africana contida em nosso país. Diversos alunos, além de não conhecerem aspectos importantes da cultura africana, estavam com dificuldades no processo de aprendizagem. As religiões de matriz africana tiveram papel fundamental para o trabalho, pois foram precursoras das temáticas trabalhadas em sala de aula. A abordagem interdisciplinar permitiu maior profundidade nas ações. Um produto final foi criado, baseado no livro de Reginaldo Prandi, “Os príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira”, livro ilustrado e escrito pelos próprios alunos.



Desafios enfrentados

Apresentar uma manifestação religiosa de origem africana, no caso, do povo lorubá, com naturalidade – em oposição à visão pejorativa que grande parte da sociedade tem da religião africana – a uma comunidade de renda e escolaridade baixas e que não tem o hábito de ler nem transmitir cultura, oralmente. Além disso, os alunos em questão, a maioria formada por afro-descendentes, traziam um histórico de repetência, acompanhado de visível autoestima baixa.

Estratégias utilizadas

Rodas de conversa e leitura; aulas expositivas; promoção de debates; pesquisa bibliográfica em diferentes fontes, como livros didáticos e paradidáticos, de literatura infantil e juvenil, revistas, jornais e enciclopédias; utilização das tecnologias da informação e comunicação, como editores de texto, imagem, apresentação e internet; utilização de linguagens visuais, como DVD, vídeo, pintura e fotografia; além de reflexão por meio da arte, como visita ao Museu Afro-Brasil.

Ações desenvolvidas

- Apresentação do vídeo “Atlântico negro: na rota dos orixás”, documentário de Renato Barbieri (1998), com debate e pesquisas em sites da Internet.
- Leitura do livro de Reginaldo Prandi, “Os príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira”.
- Audição dos CDs “A música da África”, “Yorubana”, “Arte de viver” e “Gonguê: a herança africana que construiu a música brasileira”, com comentários e seleção das mais adequadas à encenação.
- Visita ao Museu Afro-Brasil.
- Encenação desses textos, documentados em vídeo e fotografia, e apresentados à comunidade escolar durante a Mostra Cultural, em 7 de outubro de 2006.

PRÁTICA
FINALISTA

ORIGENS E DESTINOS DIANTE DA DIVERSIDADE: AÇÃO UH-BATUK-ERÊ

EMEF Esmeralda Salles Pereira Ramos



Cidade, Estado

São Paulo, SP

Nível

Ensino fundamental II

“Uh-Batuk-Erê – Ação, emoção e educação ao som dos tambores.”

Resumo

A Ação Uh-Batuk-Erê, utilizando as artes como mediadoras do multiculturalismo de forma não excludente, abre espaço para o diálogo entre os diversos saberes e tradições, identificando as etnias que formam o povo brasileiro, valorizando e ressignificando a construção da identidade, oportunizando a vivência, a reflexão e a prática de valores básicos e o respeito às diferenças.

Diretora

Rose Mary Postilhone de Oliveira

Coordenador da Ação

Prof. Edson Azevedo Barboza

Objetivo

Consolidar a Ação Uh-Batuk-Erê como referência de trabalho na questão das diversidades socioculturais em consonância com os temas transversais propostos pela LDB/96 e os PCN, a lei 11.645/2008 e as *Orientações Curriculares para a Educação Étnico-racial da SME*.

Atividades desenvolvidas

- Oficinas de formação afro-indígenas que contemplam: identidades e ritmos, o corpo como expressão, canto e oralidade, arte popular e artesanato, protagonismo juvenil e multimídia.
- Trilhas culturais: visitas a espaços externos de formação como museus, exposições, casas de cultura e produções da diversidade cultural, bem como participação em concursos e prêmios da temática.
- Espaços para as ações: oficinas de formação com avaliações e encaminhamentos; ensaios; dinâmicas; interações; encontros; fóruns e apresentações para a comunidade.

Metodologia

- Pesquisa e levantamento de dados, visando a identificação da comunidade na questão da diversidade sociocultural.
- Reflexão e formação contínua.
- Acompanhamento do processo e registros da produção e dos indicadores de mudança da postura no espaço escolar e nas comunidades por onde se apresentam.
- Interação e avaliação final para elaboração de novas metas na continuidade do projeto.

Resultados alcançados

A atuação e o envolvimento dos protagonistas e multiplicadores da Ação Uh-Batuk-Erê, com olhar na diversidade cultural e trabalho na dimensão comunitária, possibilitaram ações dialógicas que minimizam exclusões, preconceitos, discriminações e desigualdades, intensificando a relação com o grupo e o compartilhamento de ações coletivas no espaço escolar.

Considerações finais

CRAVOS VITAIS

escrevo a palavra

escravo

e cravo sem medo

o termo escravizado

em parte do meu passado

criei com meu sangue meus quilombos

crivei de liberdade o bucho da morte

e cravei para sempre em meu presente

a crença na vida.

Cuti. *Poemas da carapinha*. São Paulo, Editora do Autor, 1978.

Neste estudo de avaliação da implementação da LDB alterada pela lei 10.639/2003, com base nas práticas da cidade de São Paulo do prêmio Educar para a Igualdade Racial, algumas observações podem ser feitas no intuito de ampliar o debate acerca da questão.

De modo geral, a pesquisa mostrou consonância com dados da educação nacional, que revelaram o igual acesso à educação, principalmente nos anos iniciais, entre brancos e negros. Apesar do acesso, ressaltou, entretanto, a hostilidade do processo de exclusão que acontece dentro da escola. Os anos finais de escolarização foram os mais prejudicados.

O principal destaque negativo trazido por este estudo apontou para a necessidade emergencial de se efetivar a implantação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 no ensino médio, tanto na categoria Professor quanto na categoria Escola -- demanda que trouxe como imperativo a reconstrução do currículo escolar dessa etapa educacional. Por outro lado, percebeu-se que a luta pela inserção da diversidade étnico-racial na educação infantil tem trazido resultados positivos. A cidade já conta com uma série de instituições desse nível educacional que são referências no trabalho em prol da igualdade racial.

O estudo apontou, ainda, a pouca conscientização de professores do sexo masculino para a questão étnico-racial. Ao mesmo tempo, ressaltou o protagonismo da professora negra como agente engajado na construção de uma educação mais plural.

O conteúdo da lei 10.639/2003, usado pela maioria dos/as professores/as com o objetivo de intervir positivamente no desempenho de alunos/as, mostrou que a promoção da igualdade racial auxiliou na reeducação de negros/as e brancos/as, melhorando, assim, a convivência, a disciplina e a tolerância entre os/as alunos/as.

Destaque positivo também para os indícios de institucionalização da temática racial dentro das escolas: inclusão no Projeto Político Pedagógico, formações na área, diálogo com as *DCNERER* e gestão comprometida com o debate, entre outros.

Exitosas também foram as práticas pedagógicas e de gestão que buscaram um amplo relacionamento com a comunidade do entorno da escola. Conhecer melhor a comunidade é conhecer quem são os/as alunos/as, o que pode ser definido como o primeiro passo para entender as crianças e os adolescentes em suas complexidades, levando em consideração aspectos socioeconômicos, regionais e culturais, entre outros.

O estudo mostrou que a fragilidade da implementação da lei 10.639/2003 na cidade de São Paulo passou pelo baixo envolvimento de professores/as brancos/as, o que exige um esforço maior dos movimentos organizados em prol da promoção da igualdade racial e uma atuação mais contundente da Secretaria de Educação da cidade. Da mesma forma, o silenciamento das instituições privadas sobre a questão racial pede mais cobrança social e do Estado. Aparentemente, já há um grande abismo entre o que as escolas públicas

andam fazendo em prol da promoção da igualdade e o parco experimento nas unidades privadas.

Ao analisar as atividades realizadas por educadores/as e pela gestão, percebeu-se o entrelaçamento expressivo existente entre educação e cultura. No contexto do educar para a igualdade racial, a educação pura e simples não é suficiente. Faz-se necessário ressignificar a cultura negra no ambiente escolar, retirando-a do patamar em que o diferente é inferior e produz desigualdades.

Essa união entre educação e cultura foi, inclusive, o diferencial da militância traçada pelo TEM – Teatro Experimental do Negro, fundado nos anos 40 por Abdias Nascimento. Sobre isso, o pesquisador Guerreiro Ramos disse:

(...) os negros desenvolveram um profundo sentimento de inferioridade, cujas raízes estão na cultura brasileira. Para libertá-los deste sentimento não basta, simplesmente, escolarizá-los; seria preciso produzir uma radical revisão dos mapas culturais que as elites e, por consequência, os currículos escolares elaboraram sobre o povo negro.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Luiz Aberto Oliveira Gonçalves, em Movimento Negro e Educação. *Revista Brasileira de Educação*. Set/Out/Nov/Dez 2000, n. 15

Tudo indica que é este o caminho que a maioria das escolas está percorrendo.

Desse modo, apesar da resistência da comunidade educativa ao tema racial continuar grande na cidade de São Paulo, as ações da sociedade civil, juntamente com o fortalecimento do tópico dentro da Secretaria da Educação, vem mudando positivamente o quadro. Não é mais utópica a concepção de escolas paulistanas deixando de ser um instrumento de propagação da supremacia racial branca, para se transformar em espaços que reconhecem e valorizam as contribui-

ções das populações negras e indígenas na construção do Brasil e promovam a igualdade étnico-racial.

A despeito desse cenário, a formação ainda se manteve como o elo mais frágil na implementação da LDB alterada pela lei 10.639/2003. Este estudo trouxe indícios da situação dos/as professores/as que já atuam. Porém, é consenso que há necessidade de formar alunos/as dos cursos de pedagogia e licenciaturas. São poucas as universidades que começaram essa discussão, o que no futuro repetirá o cenário atual, no qual professores/as entram no mercado sem formação específica sobre o tema.

Por fim, cabe ressaltar a necessidade do monitoramento constante das ações da Secretaria da Educação e das universidades de São Paulo (públicas e privadas), por parte da sociedade civil, para o avanço da questão étnico-racial dentro da cidade.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XX.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

BARBOSA, M., et al. **Frente Negra: Depoimentos.** São Paulo: Quilombo Hoje, 1999.

BENTO, Maria Aparecida da Silva; COELHO, Wilma de Nazaré Baía; COELHO, Mauro Cezar; FERNANDES, Daniela Martins Pereira (assistente de pesquisa). **A educação na Região Norte: apontamentos iniciais.** In *Amazôn. Revista de Antropologia* (online), 5 (1): 140-175, 2013.

COLARES, Maria Lídia Imbiriba; PACÍFICO, Juracy Machado; ESTRELA, George Queiroga (orgs.). **Gestão escolar: enfrentando o desafio escolar das escolas públicas.** Curitiba: Editora CRV, 2009.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura.** São Paulo: UNESP, 2003.

DIAS, Lucimar Rosa. **No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo** [tese de doutorado]. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2007.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não!** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto.** Belo Horizonte: Mazza, 1995.

_____ (org.). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003.** Brasília: MEC, Unesco, 2012.

_____ ; SILVA, Petronilha B. Gonçalves. O desafio da diversidade. In GOMES, Nilma Lino e SILVA, Petronilha B. Gonçalves. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GONÇALVES Luiz. A., e SILVA, Petronilha. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

MELO, Regina e COELHO, Rita (org.). **Educação e discriminação dos negros.** Brasília: MEC / Fundação de Assistência ao Estudante. Belo Horizonte: Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro, 1988.

Referências bibliográficas

- Ministério de Educação. **Lei nº 9.394 Diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: 1996.
- _____; Secretaria de Educação Básica; Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- _____; Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: MEC / SECAD, 2006.
- OLIVEIRA, Iolanda (org.). **Cor e magistério**. Niteroi, RJ: EDUFF, 2006.
- RIOS, Terezinha Azerêdo. **O espaço físico da escola é um espaço pedagógico. Gestão escolar** (revista on-line), edição 13, abril/maio 2011.
- SALES, Augusto dos Santos. **Movimentos Negros, Educação e Ações Afirmativas** [tese de doutorado]. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- SANTANA, Patrícia. **Professoras negras, trajetórias e travessias**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2004.
- SCHWARTZ, Cleonara Maria; ARAÚJO, Gilda Cardoso de; RODRIGUES, Paulo da Silva (orgs.). **Escola de gestores da educação básica: democracia, formação e gestão escolar: reflexões e experiências do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica no Estado do Espírito Santo**. 2ª edição. Vitória: GM, 2010.
- Secretaria Municipal de Educação; Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares: expectativas de aprendizagem para a educação étnico-racial na educação infantil, ensino fundamental e médio**. São Paulo: SME/DOT, 2008.
- Senado do Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.
- SOUZA, Ellen de Lima. **Percepções de infância de crianças negras por professoras de educação infantil**. São Carlos: UFSCar, 2012.
- VASCONCELLOS, Celso dos S.. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 9 ed.. São Paulo: Liberdade, 2000.
- VIEIRA, Ricardo. **História de vidas e identidades: professores e interculturalidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1999.